



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**ELISABETE DE JESUS TIM TIM MACHADO**

## **O Diálogo Inter-Religioso na Construção da Paz**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Sob orientação de:

**Prof. Doutor Américo José Pinheira Pereira**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa**

**2016**

*Aos meus Pais, a minha força e coragem neste caminhar;  
À minha família, o meu amparo e abrigo;  
A todos os meus amigos, a minha razão de continuar;  
Aos meus professores, a luz que me guiou;  
A todos aqueles que me ajudaram neste caminho.*

*“Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer ...  
que despertemos a paixão e nos coloquemos a caminho ... com os jovens.”*

Papa Francisco, *Discurso aos Participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica, em 13 de Fevereiro de 2014.*

## Índice

Introdução .....	4
1ª Parte	
1. O Contributo da EMRC para a Tarefa Educativa dos Jovens .....	6
2. A Prática de Ensino Supervisionada .....	16
2ª Parte	
1. Diálogo Inter-Religioso e Promoção da Paz	
1.1 Breve Introdução .....	31
1.2 Considerações sobre o Diálogo Inter-Religioso .....	31
1.3 O Diálogo Inter-Religioso e o Concílio Vaticano II .....	41
1.4 Os Pilares do Diálogo Inter-Religioso .....	44
1.5 Diálogo Inter-Religioso: Reflexões de um Judeu, de um Cristão e de um Muçulmano .....	46
2. Gestos Simbólicos e Deslocações à Terra Santa no Âmbito do Diálogo Inter-Religioso e da Construção da Paz	
2.1 Papa João Paulo II .....	49
2.2 Papa Bento XVI .....	52
2.3 Papa Francisco .....	53
3. Mensagens para o Dia Mundial da Paz .....	56
3ª Parte	
Proposta de um Itinerário Pedagógico.....	63
Planificação da Visita de Estudo .....	69
Conclusão .....	70
Bibliografia .....	72

## Introdução

O presente trabalho foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, especialização em Educação Moral e Religiosa Católica – EMRC e é o culminar de um ano de Prática de Ensino Supervisionada realizada na Escola Básica 2, 3 de D. Fernando II, que pertence ao Agrupamento de Escolas Monte da Lua, em Sintra. Na turma de 7º ano que me foi atribuída lecionei as unidades sobre as Religiões e sobre a Paz Universal.

Ao longo da lecionação destes temas foi despertando em mim um gosto adormecido de reflexão sobre estes conteúdos temáticos da disciplina, pois sempre foram duas matérias que me interessaram e cativaram muito. Por serem duas áreas muito vastas e amplas tive que me restringir a um tema específico e delinear um caminho de reflexão.

Como temática para este trabalho escolhi refletir sobre o modo como o diálogo inter-religioso pode contribuir para promoção e construção da paz, qual a sua importância, e, por conseguinte, como explicar aos alunos de hoje essa mesma importância, levando-os a compreender que todos podemos ser promotores e construtores da paz no mundo, a partir de pequenas ações e atitudes, seguindo o exemplo dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco com os seus gestos simbólicos, no âmbito do diálogo inter-religioso e da construção da paz.

É meu objetivo refletir neste trabalho sobre a forma como a disciplina de EMRC é fundamental para a educação dos jovens, para, em seguida, refletir sobre o diálogo inter-religioso e promoção da paz fazendo uma interligação entre as duas partes, culminando numa última parte em que apresento um itinerário pedagógico de acesso a um objeto patrimonial religioso organizado no quadro de uma visita de estudo, que finda com um momento de diálogo inter-religioso e com um gesto de oração pela paz no mundo.

Na primeira parte deste Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada reflito sobre a forma como a disciplina de EMRC pode contribuir para a tarefa educativa dos jovens cruzando-a com a prática de ensino supervisionada. Começo por desenvolver uma parte mais

teórica sobre a educação no sentido geral, para depois pôr em evidência o específico da disciplina de EMRC. No ponto em que analiso o meu desempenho na referida Prática de Ensino, primeiramente apresento a escola e a turma onde se realizou a mesma, seguidamente é feita uma avaliação reflexiva sobre os aspetos positivos e negativos, sobre a experiência letiva em contexto escolar, em contexto de sala de aula e sobre as unidades letivas escolhidas para base do relatório, destacando a sua pertinência no processo ensino – aprendizagem dos alunos.

Na segunda parte é feita uma reflexão sobre o diálogo inter-religioso e promoção da paz. Este capítulo inicia com uma breve introdução, visto que o tema do diálogo inter-religioso está interligado com o tema da promoção e construção da paz. Por esta razão, a minha reflexão é constituída com base nesta interligação, pois, sempre que me refiro a um tema, estou também a referir o outro. Em seguida, apresento algumas considerações sobre o diálogo inter-religioso referindo a importância do Concílio Vaticano II, uma breve reflexão sobre os seus pilares, assim como algumas reflexões sobre o tema proferidas por um Judeu, um Cristão e um Muçulmano.

Neste segundo capítulo são postos em evidência alguns gestos simbólicos e algumas deslocações à Terra Santa no âmbito do diálogo inter-religioso e da construção da paz, nomeadamente “o Encontro de Assis” realizado pelo Papa João Paulo II, a sua visita à Terra Santa, as visitas também realizadas pelo Papa Bento XVI e pelo Papa Francisco, assim como a Oração pela Paz, nos Jardins do Vaticano, a convite do atual Papa. A terminar esta parte, é feita uma breve reflexão sobre algumas mensagens para o dia mundial da paz, escritas pelos Papas, como forma de educar para a paz e chamar a atenção para o facto de ser uma tarefa de todos, fundamental para promover a paz.

Na terceira e última parte, é apresentado um itinerário pedagógico, no quadro de uma visita de estudo a Mértola, ao Núcleo Islâmico do Museu e à Igreja Matriz, que outrora foi uma Mesquita, onde se pretende que seja realizado, após a visita, um momento de diálogo inter-religioso e um momento de oração pela paz interligando o tema das religiões com o tema do diálogo inter-religioso e a paz universal.

## 1ª Parte

### 1. O Contributo da EMRC para a Tarefa Educativa dos Jovens

É fundamental que a sociedade hodierna seja composta por jovens instruídos, com visão de futuro, que ajudem no desenvolvimento e na organização da mesma. Para que isto aconteça a tarefa educativa é uma missão imprescindível, além disso, é também complexa. Esta tarefa é complementada com a missão de ensinar, pois quando se educa, também se ensina, transmitindo-se conhecimentos, orientando, capacitando, preparando para a vida. Quem ensina comunica, quem comunica transmite conhecimentos, ao transmitir os conhecimentos ensina através do exemplo, dado que uma forma de ensinar pode ser através dos nossos exemplos e experiências. O ensino é uma mais-valia na constituição da sociedade.

Para que esta missão seja um sucesso, para se ensinar bem e com qualidade, é necessário saber o que se vai transmitir, estudar o que se quer ensinar, pois aprender a ensinar é um processo de desenvolvimento para toda a vida<sup>1</sup>. Este processo leva o seu tempo a tornar o professor competente em matéria de ensinar. É com a experiência que o modo e a maneira de ensinar se desenvolvem. Para que isso aconteça com êxito, é necessário que o ato de ensinar seja visto de forma crítica e reflexiva, pois analisar crítica e reflexivamente ajuda em muito o modo como ensinamos e como transmitimos os conhecimentos.

Tornar-se um professor eficaz e competente no modo e missão de ensinar exige passar por algumas fases ao longo da sua aprendizagem e do seu desenvolvimento de competências. De tal modo que Richard Arends nos apresenta três fases de desenvolvimento<sup>2</sup> que os professores experimentam e vivenciam, à medida que vão evoluindo, a fim de se tornarem eficazes e competentes, para que o seu ensino seja feito com sucesso.

---

<sup>1</sup> Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008, 7ª Edição, p. 29.

<sup>2</sup> Cf. *Ibidem*.

A primeira fase, a da sobrevivência, é a fase que acontece quando as pessoas têm as primeiras conversas e contactos com os alunos enquanto professores. Nesta fase são questionadas as competências interpessoais, havendo uma grande preocupação com a gestão da sala de aula.

A segunda fase, a da situação de ensino, varia consoante as pessoas. Os professores sentem mais confiança e ultrapassam a fase de sobrevivência. Os aspetos que estão de certa forma relacionados com o controlo e a interação com os alunos tornam-se numa espécie de rotina. A atenção começa a centrar-se na situação de ensino em si.<sup>3</sup> É nesta fase que tomam conhecimento de algumas realidades da sala de aula, assim como o excesso de alunos, os materiais pedagógicos inadequados ou o limitado conjunto de recursos para o ensino.<sup>4</sup>

Na terceira fase, da mestria e dos resultados, há um amadurecimento das formas de lidar com as preocupações. Há um domínio dos fundamentos de ensino e gestão da sala de aula. Nesta altura, há uma preocupação maior com as necessidades sociais e emocionais dos alunos, com “a necessidade de ajustar as estratégias e materiais de ensino, às necessidades dos mesmos”.<sup>5</sup> A forma de ensinar dos professores experientes mostra que “dominam os conhecimentos sobre as suas disciplinas e as suas metodologias de ensino”,<sup>6</sup> sendo este um fator muito importante, pois sem domínio de conhecimentos, a transmissão dos mesmos fica sem efeito, o ensino não é eficaz. Um professor experiente tem um vasto e abrangente repertório que o ajuda nas diversas situações de sala de aula.

Ensinar é uma mais-valia na construção e estruturação da nossa sociedade. A missão de ensinar é muito exigente, pois está constantemente a necessitar de uma revisão contínua, de atualizações do conhecimento, métodos, estratégias e atividades. Toda a missão de ensinar e aprender a ensinar é um processo que se prolonga na vida, é uma missão que não tem fim.

---

<sup>3</sup> Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, p. 29.

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

A principal finalidade do ensino “é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e auto-regulados”.<sup>7</sup> O professor ensina, transmite conhecimentos, dá indicações e apresenta o seu exemplo, mas “o conhecimento não é completamente fixo e transmissível, mas é algo que todos os indivíduos, alunos e adultos devem construir ativamente, através de experiências sociais e pessoais”<sup>8</sup> que lhe são proporcionadas. O ato de ensinar não é apenas para cumprir um programa ou um conjunto de metas, ensinar é transmitir os conteúdos de maneira eficaz, é transmitir experiências que ajudem os alunos a construir a sua identidade, o seu futuro.

Com efeito, a missão e a tarefa educativa passam também por ajudar os jovens a formar esta identidade, dado que a educação pode ser um processo de construção da identidade da pessoa humana.<sup>9</sup> Ao transmitir-se a educação, tem início o processo de construção e desenvolvimento da pessoa humana, educar é ajudar a construir e a formar uma identidade. Este é um processo que dura a vida inteira, a pessoa humana está sempre em construção e em desenvolvimento.

A identidade é a forma de ser da pessoa humana envolvendo todos os elementos constituintes.<sup>10</sup> Note-se que “qualquer ser humano é sempre já marcado pelo seu mundo, pelo leque das relações em que vive. Por isso, o seu interior nunca é simplesmente seu, mas já sempre o resultado de relações múltiplas e complexas.”<sup>11</sup>

O ser humano não existe em “estado puro, cuja identidade pudesse ser isolada do resto do mundo”<sup>12</sup>, vai construindo a sua identidade através das relações e das experiências que vive e do que lhe é transmitido. Cada pessoa fica marcada pelo mundo em que vive de forma única e sempre diferente dos outros, os efeitos produzidos pelas diversas relações são diferentes de pessoa para pessoa.<sup>13</sup> É essa unicidade que constitui precisamente a “diferença de uma

---

<sup>7</sup> R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, p. 17.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> Cf. J. DUQUE, “Sobre a educação integral do ser humano”, *Pastoral Catequética*, nº 26, 2013, p. 11.

<sup>10</sup> Cf. *Ibidem*, p. 12.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> Cf. *Ibidem*.

identidade pessoal em relação a outra.”<sup>14</sup> Deste modo o ser humano é único e irrepitível mas ao mesmo tempo livre e responsável.<sup>15</sup> É na complexa reciprocidade entre a cultura e o sujeito, que acontece a educação, resultando na permanente construção de identidade.

Para D. Tomaz Nunes “a educação é um processo de desenvolvimento e de maturação em que o ser humano se descobre, se reconhece e assume como pessoa, com uma identidade própria, que inclui a relação com os outros, com o universo e com a transcendência.”<sup>16</sup>

Importa salientar que a educação ocorre através de um processo de desenvolvimento, em que o ser humano se reconhece com identidade, em relação aos outros e “é sempre um processo de crescimento formativo, com valores e para a plenitude dos valores”.<sup>17</sup> Assim sendo a educação também é um processo de transmissão de valores. Outra consideração que podemos ter em conta é que a “verdadeira educação é sempre, pois, educação para a liberdade, sem o que esta não seria possível.”<sup>18</sup>

Naturalmente, o primeiro contexto de educação é a família, competindo-lhe a tarefa da socialização primária, do desenvolvimento básico da capacidade de relação pessoal concreta com efeito sobre o comportamento, do desenvolvimento básico da afetividade, incluindo a capacidade de amar e de confiar nos outros através das experiências que recebe e partilha de ser amado.<sup>19</sup>

Durante algum tempo, a escola ocupava o lugar secundário da educação, em que ajudava a desenvolver as competências cívicas e de participação na sociedade. Nos tempos modernos, a escola e a família partilham o primeiro contexto de educação, assumindo cada uma tarefas

---

<sup>14</sup> J. DUQUE, “Sobre a educação integral do ser humano”, p. 12.

<sup>15</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>16</sup> D. TOMAZ NUNES, “O lugar do Ensino Religioso Escolar no Sistema Educativo”, *Pastoral Catequética*, nº 19, 2011, p. 99.

<sup>17</sup> IDEM, “A Educação, responsabilidade primeira da Família”, *Pastoral Catequética*, nº 19, 2011, p. 131.

<sup>18</sup> J. DUQUE, “Sobre a educação integral do ser humano”, p. 13.

<sup>19</sup> Cf. *Ibidem*, p. 14.

ambíguas<sup>20</sup>, sem que se consiga perceber onde se separam as mesmas. Ainda assim, a família e a escola têm consciência da importância das relações de colaboração entre ambas.<sup>21</sup>

Assim sendo, “a escola tem, entre outras, a missão de ajudar a criança e o jovem a desenvolver-se plena e harmoniosamente e a integrar-se na sociedade de forma a intervir ativa e conscientemente na construção do seu futuro pessoal e coletivo.”<sup>22</sup> Atente-se que “educar a criança e o jovem foi, e, continua a ser, um objetivo prioritário de qualquer sociedade”.<sup>23</sup> Toda a sociedade demonstra preocupação com a educação das crianças e dos jovens, o modo como são preparados para viver nessa mesma sociedade.

Decerto que “educar é desenvolver o sentido da responsabilidade pessoal e formar para a cidadania (ética ativa). Educar é receber os conhecimentos (a memória) de uma comunidade, interpretar o quotidiano e projetar o futuro pessoal e social.”<sup>24</sup> Com o ato de educar estamos a transmitir responsabilidades que preparam para o futuro, para que haja bons cidadãos capazes de enfrentar os problemas e de viver em comunidade. Portanto, “educar visa, essencialmente, preparar as pessoas para a sua inserção na sociedade e habilitá-las com os conhecimentos teóricos e operativos para o desempenho de funções necessárias para a (...) sociedade”.<sup>25</sup> A integração e a vivência em sociedade estão sempre presentes e são uma das preocupações, daí que educar seja também em função da vida em comunidade. Com efeito, a educação é uma missão da sociedade, tendo em consideração que é a ela que se destina.

É evidente que educar consiste, antes de mais, em desenvolver o sentido pessoal das responsabilidades, para que a pessoa, «o jovem» descubra o seu poder de agir próprio e “é sobretudo uma formação para a autonomia e para a responsabilidade pessoais”.<sup>26</sup> Para que a

---

<sup>20</sup> Cf. J. DUQUE, “Sobre a educação integral do ser humano”, p. 14.

<sup>21</sup> Cf. D. TOMAZ NUNES, “Missão e Singularidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, *Pastoral Catequética*, nº 19, 2011, p. 120.

<sup>22</sup> F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, *Pastoral Catequética*, nº 26, 2013, p. 54.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 58.

educação seja consistente, “precisa de um enraizamento numa tradição de valores que lhe confira identidade e projeto.”<sup>27</sup>

A educação do ser humano só é integral e completa, se contemplar um âmbito muito importante que não pode ser descurado, a educação religiosa, que pode ser considerada nas dimensões do conhecimento, dos valores, da questão da verdade e no campo do desenvolvimento da identidade crítica. É importante conhecer a dimensão religiosa do ser humano e a forma como é articulada pelas diversas religiões. A educação religiosa pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento da identificação de valores.<sup>28</sup>

Como é referido no *Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica*, edição de 2014, no capítulo sobre as finalidades da disciplina, “não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana”,<sup>29</sup> pelo que trabalhar a dimensão religiosa é importante para desenvolver as outras dimensões constitutivas da pessoa, até porque a nossa cultura está profundamente marcada pelo religioso.

A educação integral da pessoa não pode fazer abstração da dimensão religiosa, que é constitutiva da pessoa e da sua plena liberdade.<sup>30</sup> A dimensão religiosa está sempre presente, faz parte da pessoa, não pode simplesmente ser ignorada, pois é parte importante do ser humano.

Neste sentido, a Conferência Episcopal Portuguesa, no seu documento *EMRC: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, afirma que “a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana”,<sup>31</sup> ou seja, esta é uma sua parte integrante e vital: sem ela a pessoa seria de certo modo incompleta. Assim sendo “não haverá educação integral, se a mesma

---

<sup>27</sup> F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, p. 60.

<sup>28</sup> Cf. J. DUQUE, “Sobre a educação integral do ser humano”, p. 20-21.

<sup>29</sup> AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - 2014*, SNEC, Moscavide, 2014, p. 4.

<sup>30</sup> Cf. F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, p. 60.

<sup>31</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade”, nº 6.  
<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/2006/04/27/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>, acedido em 03-12-2015, às 14:20.

não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões culturais.”<sup>32</sup>

Deste modo, a educação só será integral e completa considerando todas as partes constituintes da pessoa humana. Por conseguinte, a dimensão religiosa é fundamental para compreender a realidade, visto que o ser humano é um ser social que vive em comunidade e “a abertura à dimensão religiosa e por conseguinte à transcendência é constante em todas as culturas e civilizações.”<sup>33</sup>

Podemos referir que “a visão cristã da educação possui uma centralidade cristológica e visa um sentido comunitário, de plena realização da pessoa humana.”<sup>34</sup> Este aspeto tem em vista a plena realização do ser humano na sociedade e na sua comunidade. Nesse sentido, é feito um convite à Escola para que ofereça aos jovens os vários elementos de conhecimento sobre a significação do mundo e da pessoa humana<sup>35</sup>, sendo que é muito importante que possam refletir sobre a existência humana. Só com o conhecimento da realidade, os jovens têm a capacidade de discernir, decidir e tomar decisões.

Por esta razão, a educação moral pode ajudar o jovem a “rasgar os caminhos e proporcionar os recursos para que cada um, em liberdade, se possa descobrir a si mesmo, descobrindo os outros, realizar-se e continuamente desenvolver-se”.<sup>36</sup> Desta forma, a educação moral que se propõe também visa possibilitar ao jovem “um espaço e um tempo de descoberta e de exercício da mútua compreensão, cooperação e entreajuda, lançando o desafio para a participação na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.”<sup>37</sup> Em suma, visa o desenvolvimento e a preparação do adolescente e do jovem para uma vida em sociedade.

---

<sup>32</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade”, nº 6.

<sup>33</sup> F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, p. 60.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>35</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

<sup>37</sup> *Ibidem*.

É de salientar que “a educação moral oferece ao jovem um contributo para a descoberta da própria identidade e para o crescimento e afirmação das suas potencialidades,”<sup>38</sup> procurando contribuir para a formação da consciência ajudando-o no seu desenvolvimento sócio-moral.<sup>39</sup> Esta afirmação reflete a importância de contribuir para um bom desenvolvimento da consciência dos adolescentes e dos jovens para a vida em sociedade.

A educação “é uma tarefa fundamental da sociedade”<sup>40</sup> e sendo a EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica – uma das formas de concretização do Ensino Religioso Escolar<sup>41</sup>, esta colabora com a sociedade ativamente nessa tarefa fundamental e ajuda nesse processo de desenvolvimento e maturação do ser humano. A EMRC tem um papel muito importante na educação e no desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, adolescentes e jovens, pois abre novos horizontes de sentido para a vida,<sup>42</sup> completando a ação da escola.

Como diz D. Tomaz Nunes, o professor não tem só a função de promover a instrução, porque “todo o professor é um educador”<sup>43</sup> e o professor de EMRC é também um educador. Um educador que ajuda no processo de construção de identidade e que ajuda a formar a consciência, tendo sempre em vista o desenvolvimento integral da pessoa humana.

Sendo o professor um educador cabe ao educador “descobrir e orientar as capacidades de cada um dos educandos; (...) transmitir valores morais e universais sobre os quais se alicerça uma vida com sentido e com futuro.”<sup>44</sup> Ao professor, como educador que desempenha um papel preponderante e importante na escola é exigida a “paixão de quem se dá à missão de ajudar os educandos a crescer de forma integral, coerente e harmoniosa.”<sup>45</sup>

---

<sup>38</sup> F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, p. 61-62.

<sup>39</sup> Cf. *Ibidem*, p. 62.

<sup>40</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade”, nº 1.

<sup>41</sup> Cf. D. TOMAZ NUNES, “O lugar do Ensino Religioso Escolar no Sistema Educativo”, p. 104.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*, p. 101.

<sup>43</sup> IDEM, “Missão e Singularidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, p. 117.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 118.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

A EMRC apresenta-se em forma de disciplina, lecionada nas escolas, quer estatais, quer privadas, de acordo com um amplo quadro jurídico, cuja base fundamental é a Concordata de 2004 entre a Santa Sé e o Estado Português.<sup>46</sup> É uma disciplina que transmite princípios cristãos e está ao serviço da educação e formação integral dos alunos. Contempla os elementos essenciais para que o aluno se conheça a si mesmo e aos outros e para que os respeite.

Numa sociedade cada vez mais pluralista e multicultural, onde outros valores se levantam, é cada vez mais importante e imprescindível a presença ativa da disciplina de EMRC, pois é uma disciplina que transmite aos alunos os meios para poderem agir na sociedade que os envolve e também para poderem respeitar, entender e cooperar com os que os rodeiam.

Decerto que a EMRC é um valioso e fundamental contributo, tanto para os alunos, como para as escolas, como para a sociedade. São promotores desse contributo os professores e as escolas os lugares privilegiados, em que a disciplina colabora no desenvolvimento harmonioso dos alunos.

É de notar também que “a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pretende ser uma ajuda significativa na construção, por parte dos alunos, de uma consciência livre, madura e responsável, e de os guiar em caminhos de maturidade.”<sup>47</sup> Deste modo, a disciplina é um contributo para que o jovem possa ter um bom desempenho, vivendo na sociedade e ao serviço dos outros.

Para que a disciplina possa alcançar os seus pressupostos é muito importante o trabalho do professor, o qual tem a missão de “ajudar a encontrar sentido para a realidade humana envolvente, onde cada um se desenvolve como pessoa solidária”.<sup>48</sup> Missão essa que vai ao encontro do aluno e das suas questões, pois “o aluno é uma pessoa em crescimento constante, com dúvidas, conflitos e esperanças que necessita de uma referência para se confrontar e

---

<sup>46</sup> Cf. D. TOMAZ NUNES, “O lugar do Ensino Religioso Escolar no Sistema Educativo”, p. 107.

<sup>47</sup> F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, p. 63.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 67.

aprender, necessita ser interpelado e ajudado a optar pelo bem e pela verdade”.<sup>49</sup> O professor é a referência dos alunos, é aquele que tem a missão de interpelar e ajudar a fazer opções.

Com efeito, a EMRC “respeitando o processo de fé como dom de Deus, possibilita que cada aluno, crente ou não crente, possa exercer responsabilmente a liberdade de escolha”,<sup>50</sup> ou seja, não há pressões e mediante os pressupostos apresentados, o aluno faz as suas escolhas livremente.

Naturalmente, a disciplina em causa contribui para a descoberta de um sentido de vida para os alunos que não têm vivências cristãs e para o fortalecimento das raízes dos alunos já com vivências cristãs incutidas pelos pais. A EMRC oferece aos pais a oportunidade de escolher para os seus filhos uma formação integral e global. Os pais como primeiros educadores podem dar aos seus filhos uma educação assente em critérios e valores éticos cristãos.

É de salientar que “a nossa Lei de Bases do Sistema Educativo preconiza (...): uma educação integral do aluno, respeitando a individualidade de cada um e promovendo de forma progressiva e integrada o desenvolvimento de competências nas diversas dimensões”.<sup>51</sup> A disciplina que analisamos propõe todos estes requisitos, pois a importância da EMRC, como contributo para a formação e educação integral dos jovens é máxima e fulcral.

Assim sendo e com base nas finalidades<sup>52</sup> da disciplina, constituintes do *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, na edição de 2014, podemos comprovar essa basilar importância na formação e educação integral dos alunos. Estas finalidades constituem um dos elementos básicos do currículo escolar, sendo entendidas como as grandes metas a alcançar ou a adquirir pelos alunos que frequentam a disciplina de EMRC.<sup>53</sup> Com efeito, a grande importância da disciplina de EMRC na tarefa educativa dos jovens foi verificada aquando da realização da Prática de Ensino Supervisionada.

---

<sup>49</sup> F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, p. 67.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>51</sup> M. F. B. ROCHA, “Educação Moral e Religiosa Católica e Ensino Básico”, *Fórum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005, p. 141.

<sup>52</sup> C.F. AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - 2014*, p. 5.

<sup>53</sup> C.F. *Ibidem*, p. 4.

## 2. A Prática de Ensino Supervisionada

Antes de avaliar o percurso efetuado ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, penso ser necessário situar a mesma no lugar onde decorreu e na turma atribuída.

A prática de Ensino Supervisionada decorreu no Agrupamento de Escolas Monte da Lua, de Sintra, mais precisamente na Escola Básica do 2º e 3º Ciclos de D. Fernando II, unidade orgânica do Agrupamento de Escolas, na turma B do 7ºano.

A Escola Básica 2, 3 de D. Fernando II situa-se em Sintra, na zona denominada Estefânia de Sintra, na Rua António Cunha. Esta unidade orgânica funcionou como Agrupamento de escolas entre 2004 e 2012. No ano letivo de 2012/2013 passou a integrar o Agrupamento de Escolas Monte da Lua, após a criação do mesmo, em conjunto com as escolas do 1º Ciclo, Jardins de Infância, a Escola Básica 2, 3 de Colares e a Escola Secundária de Santa Maria, sendo agora a Escola Secundária a sede do mesmo.

A vila de Sintra é sede de concelho e à sua volta desenvolvem-se vários núcleos urbanos e também rurais. “Sintra é um verdadeiro Tesouro Histórico, onde se encontram vestígios desde a idade do Bronze às diversas épocas da História de Portugal, sem descurar a época romana e a ocupação muçulmana.”<sup>54</sup> É uma vila que possui diversos monumentos, como o Palácio da Pena, que foi mandado construir pelo rei D. Fernando, marido de D. Maria II e o Castelo dos Mouros.

Sintra e a sua Serra põem em evidência toda uma paisagem cultural única e um clima característico proporcionado pela Serra de Sintra. Em 6 dezembro de 1995 foi classificada pela UNESCO como Paisagem Cultural e Património da Humanidade.

A escola está envolta por um amplo espaço verde que a torna especial, permitindo aos alunos ter um melhor contacto com a natureza. Este espaço verde é denominado de “mata da escola”, existindo um projeto chamado “Trilho à descoberta da natureza” que tem como

---

<sup>54</sup> Informação retirada da página da UCCLA, <http://www.uccla.pt/membro/vila-de-sintra>, acedido em 04-12-15 às 16:00.

objetivo ser um espaço onde é possível ver e estudar as várias espécies vegetais ali existentes, conhecer alguns animais que aí habitam, e aprender mais sobre fósseis.<sup>55</sup>

Os alunos que frequentam a Escola 2, 3 de D. Fernando II estão muito perto dos seus locais de origem e formam grupos distintos. São alunos provenientes de uma área com características urbanas, do tipo dormitório, em que os pais e encarregados de educação têm os seus empregos no sector da indústria, do comércio e dos serviços, e cujas possibilidades económicas são consideradas satisfatórias.<sup>56</sup>

Podemos considerar a população discente da escola como multicultural, com uma maior predominância de caucasianos. Há também alunos de nacionalidade portuguesa com origem africana, alunos que vêm do leste europeu e do Brasil, assim como alguns alunos de origem asiática.<sup>57</sup> Todos estão bem integrados na comunidade escolar, verificando-se que nos intervalos há uma impressionante boa educação e interação entre eles, existindo respeito, sem vestígios de brigas e contendas entre os alunos. Este ambiente é habitual e faz parte da essência da escola.

A comunidade escolar: docentes, discentes, direção, assistentes operacionais e encarregados de educação, desempenha um papel crucial na formação pessoal dos alunos e educandos, tornando-o um fator de sucesso. Todo este grande e muito bom trabalho é de ser elogiado.

A turma que acompanhei na Prática de Ensino Supervisionada foi a turma B do 7º ano. Era uma turma composta por 19 alunos, 9 rapazes e 10 raparigas, com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos. Nesta turma estavam integrados alunos com retenções escolares, sendo que havia dois alunos com necessidades educativas especiais. Alguns alunos viviam com os pais e irmãos, outros alunos viviam só com um dos pais e irmãos e ainda outros que viviam

---

<sup>55</sup> Informação retirada da página oficial da escola: <http://aedf.pt> e <http://trilho4.webnode.pt/>, acedido em 04-12-15 às 16:30.

<sup>56</sup> Dados recolhidos junto da professora cooperante da turma, nas reuniões que precediam as aulas da Prática de Ensino Supervisionada.

<sup>57</sup> *Ibidem*.

com a mãe ou com o pai, padrasto ou madrasta e irmãos. Em relação ao nível social havia alunos que beneficiavam de apoio por parte da ação social escolar e outros não, sendo o seu nível social médio.<sup>58</sup>

No que diz respeito aos estudantes que frequentavam a disciplina de EMRC, a turma era composta por nove discentes, dos quais dois eram rapazes e sete eram raparigas, com idades entre os onze e os treze anos. A maior parte destes deslocava-se para a escola de carro, havendo apenas uma educanda que ia de autocarro. Na turma havia alunos com algumas dificuldades de aprendizagem, mas nenhum tinha necessidades educativas especiais. De um modo geral, todos eram assíduos e pontuais.

Com o decorrer das aulas, verificámos que alguns alunos demonstravam falta de concentração, de hábitos e métodos de trabalho e de estudo. Em diálogo sobre a escola, os discentes manifestaram o gosto pela mesma e referiram que esta tem a função de ensinar e educar, demonstrando saber que a escola tem uma função importante no seu percurso de vida, contudo na prática não tomavam isso como o mais fundamental.

Percebemos que havia alunos que quando estavam concentrados conseguiam responder, mas não queriam chamar à atenção para que sabiam, enquanto outros eram muito participativos e por vezes com intervenções fora do contexto da aula. Havia dois alunos que estavam sempre a intervir, de modo a que fossem o centro da atenção, obrigando a professora a uma ação mais direta, mas quando eram chamados à atenção, modificavam o seu comportamento.

A turma respondia de uma forma bastante razoável às atividades que lhe eram apresentadas, pois estes alunos tinham a necessidade de estar ocupados a realizar tarefas. Apesar de os alunos serem sempre envolvidos nas aulas, quando o envolvimento era maior, estes eram mais interessados e demonstravam mais empenho e interesse na realização do trabalho proposto. Embora manifestassem interesse e empenho, quando as aulas eram mais

---

<sup>58</sup> Dados recolhidos através do plano de trabalho da turma e das fichas biográficas dos alunos, no ano letivo 2014-2015.

expositivas, o nível de atenção descia e por vezes revelavam desmotivação. Nestas situações, coube à professora refletir, mudar as suas estratégias de ensino-aprendizagem, tornando as aulas mais apelativas, mais dinâmicas e motivantes, de modo a envolver os alunos na sua aprendizagem.

Um professor eficaz é aquele que reflete sobre as situações e tem a capacidade de verificar as necessidades dos alunos, preparando as aulas e combinando modelos centrados no aluno com modelos centrados no professor.

Verificou-se que todos os alunos estavam integrados na turma, não havendo conflitos observáveis entre eles. Quando as atividades eram em pares ou em maior grupo, existia uma boa colaboração e cooperação entre eles.

Para Richard Arends “a tarefa de ensinar os jovens é demasiado importante e complexa”<sup>59</sup> para ser deixada única e exclusivamente “ao cuidado dos pais ou de estruturas informais de tempos passados”.<sup>60</sup> Por esse motivo a escola tem atualmente um papel fundamental e crucial na instrução dos jovens em idade escolar. Os professores em conjunto com a escola têm cada vez mais importância na aprendizagem dos alunos. A utilização das melhores práticas fundadas e construídas em bases científicas superam os diversos obstáculos que lhes podem aparecer pela frente.

Segundo este autor, “os professores eficazes possuem qualidades pessoais para desenvolver relações genuínas com os seus alunos”,<sup>61</sup> de modo a que possam ajudá-los a refletir e a superar as suas dificuldades e problemas, a compreender as suas necessidades e a forma de alcançar uma aprendizagem de sucesso.

Um professor para ser considerado eficaz tem de ter uma forte base de conhecimentos, ter a capacidade de refletir sobre a aprendizagem no decurso da vida, ser socialmente justo e ter um bom e adequado repertório de práticas de ensino. Para além disso deve estabelecer boas

---

<sup>59</sup> R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, p. 4.

<sup>60</sup> *Ibidem*.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 35.

relações com os alunos, de modo a que liderando-os, motivando-os, combinando os modelos centrados nos alunos com modelos centrados no professor, o processo de aprendizagem seja um sucesso.

Ao refletir sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada estou a fazer uma autoavaliação sobre o que correu bem, o que correu menos bem e o que poderia ter corrido melhor. Refletir sobre o meu modo de agir, de trabalhar e de lecionar é muito importante porque me é dada a oportunidade de desenvolver competências e aperfeiçoar conhecimentos e estratégias. Ao fazer este exercício, tenho a plena noção do que foi feito e de assim poder alterar a minha prática de modo a ser, como diz Richard Arends, uma boa professora reflexiva e competente.

A Prática de Ensino Supervisionada foi um tempo muito importante e privilegiado de muitas aprendizagens, também de relações interpessoais, de troca de experiências com os colegas do núcleo da PES e com a Professora cooperante, de contacto direto com os alunos e com a realidade das escolas e da aula de EMRC.

Posso dizer que a prática de ensino supervisionada foi sempre um permanente desafio e ao refletir sobre esse mesmo desafio, reconheço que a experiência que adquiri foi muito importante e que me fez crescer no caminho que levo para me tornar uma boa professora reflexiva e competente.

Quando iniciei este caminho, o desejo de aprender mais tornou-se mais forte, mas ao mesmo tempo tive de lidar com o facto de ficar sempre nervosa e ansiosa por causa da observação das aulas. Trazia algumas considerações e ideias cristalizadas pelo tempo de leção, situadas na “zona de conforto”, também essas foram sofrendo alterações de forma positiva.

Fazendo uma análise da prática letiva, posso concluir que fiz muitas aprendizagens novas, reforcei outras que já trazia, mas ainda tenho muito que aprender e um longo caminho a percorrer. Ser professor não é fácil, pois é uma missão que está sempre em construção e em

permanente aprendizagem. É necessário estar sempre em atualização constante, adequando as situações às realidades que nos são apresentadas.

Durante a Prática de Ensino Supervisionada descobri a necessidade de aprofundar melhor os meus conhecimentos científicos, pois um professor tem que estar muito bem preparado para a aula, porque os alunos fazem muitas perguntas e observações, às quais é necessário saber responder. Uma aula deve ser muito bem preparada e estudada, deve haver por parte do professor um trabalho de estudo e pesquisa aprofundado. As aulas que preparei e lecionei deveriam ter tido um trabalho de estudo e de pesquisa mais aprofundado. Deveria ter aprofundado melhor os meus conhecimentos, para não cometer imprecisões que confundiram alguns alunos.

Ao longo do tempo fui sentindo algumas dificuldades, talvez devido às expectativas que criei em torno da prática. Dessas dificuldades, umas foram superadas, outras não. Ao longo das aulas senti-me por vezes insegura, pois não estava muito à vontade com os conteúdos a lecionar, outras vezes estive mais descontraída, estando mais segura na transmissão de conteúdos. Refletindo sobre estas dificuldades vejo que poderão ser facilmente ultrapassadas se trabalhar melhor os conteúdos a lecionar, pois é necessário estudar e pesquisar mais e melhor, para ter um bom domínio da matéria e transmitir com mais correção os conhecimentos. Como professora tenho que ser mais exigente, não só com os alunos, mas também comigo própria, criando instrumentos de trabalho que me vão obrigando a estar permanentemente a par dos conteúdos, para trabalhar nos diversos ambientes de aprendizagem.

O mesmo se pode dizer em relação à dinâmica das aulas, pois a maior parte das aulas foram pouco dinâmicas, sendo este outro ponto que tenho de melhorar. As aulas devem conter dinâmica, paixão e entusiasmo, pois as aulas sem paixão levam os alunos à desmotivação e ao desinteresse. As aulas tem de ser variadas, envolvendo sempre os alunos nas estratégias adotadas. Variar os modelos de ensino, para não serem sempre centrados no professor, mas também centrados no aluno. Motivar os alunos para novas aprendizagens através de aulas mais

dinâmicas, e transmitir a paixão de ser professor de EMRC é um dos caminhos a fazer e algo a pôr em prática, dado que “ser professor de EMRC (...) é desafiante e exige alguém que viva profundamente apaixonado por aquilo que faz.”<sup>62</sup>

Neste contexto, a missão desafiante de ser professor suscita três questões: “Onde ensino?”, “A quem ensino?” e “Como ensino?”,<sup>63</sup> as quais me ajudaram a refletir. A resposta a estas questões é para mim a base e a estrutura em que devo pensar e seguir para ter um bom desempenho em aulas futuras. Num primeiro momento é necessário refletir sobre onde ensinamos, porque os locais não são iguais e cada um exige de nós uma determinada forma de estar e de agir. Desta forma, é importante analisar como podemos agir e atuar na Escola. A forma de atuação conduz-nos ao rigor científico e ao brio profissional que é basilar. Com efeito, ser professora é sempre uma missão estimulante. Sendo que é um desafio que induz a adquirir experiências e novos conhecimentos, no caminho para ser profissional de êxito.

Em relação ao segundo momento, é preciso pensar sobre a quem ensinamos e o contexto educativo em que estamos inseridos. À semelhança do ponto anterior, também quem ensinamos apresenta diferenças. Os alunos da nossa comunidade educativa são todos diferentes, não só dentro da mesma turma, como de turma para turma. O conhecimento dos diferentes alunos é crucial. Alguns alunos demonstram vivências cristãs, outros não. É basilar refletir nas estratégias que queremos pôr em prática nas nossas aulas.

Por fim, no terceiro momento sobre como ensino, é imprescindível que a exigência e rigor estejam sempre presentes, rigor nos conteúdos a transmitir aos alunos e rigor na linguagem utilizada nas aulas. Certamente que, uma permanente atualização e formação a todos os níveis torna desafiante e interessante a missão de educar. Um diálogo franco e aberto dá aos alunos chaves de leitura que os ajudem a refletir.

---

<sup>62</sup> A. MOURA e SILVA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual – Testemunho pessoal, enquanto professor de EMRC”, *Pastoral Catequética*, nº 26, 2013, p. 78.

<sup>63</sup> Cf. *Ibidem*, p. 76.

Continuando a analisar a prática e refletindo sobre a experiência letiva, posso referir que adquiri competências de planificação, no modo de distribuição dos conteúdos, distinguindo o que é mais importante do que é acessório e no modo de gerir o tempo na planificação.

Ao planificar sei que os alunos podem demorar mais ou menos tempo a realizar as tarefas propostas, consoante o grau de dificuldade apresentado. Se o grau de dificuldade for maior, devo explicar muito bem o pretendido e dar mais tempo para a realização da atividade.

Com as aulas e com a experiência letiva em contexto de sala de aula percebi que não posso partir do pressuposto de que os alunos sabem determinados termos ou conceitos da matéria a lecionar, é sempre necessário enquadrar, situar e explicar. O rigor na linguagem e nos conteúdos a transmitir é também peça chave na aula, o que nem sempre aconteceu.

Com a experiência letiva entendi que quando os alunos participam deve-se procurar agarrar as intervenções, dando-lhes resposta e transformando-as de forma a integrá-las no contexto da aula. Neste aspeto tenho que ser mais firme com os alunos, não permitindo que interrompam a aula com comentários fora do contexto, e quando os alunos mostram interesse em participar, não os deixar sem resposta, moldando a intervenção a favor da aula. Esta atitude é muito importante, pois pode ser a chave para o seu interesse ou desmotivação pela aula. Ao fazer esta reflexão, considero que foram feitos progressos, embora ainda haja outros progressos a fazer.

A prática letiva foi realizada com a edição de 2014 do Programa da disciplina. Um programa que promove o desenvolvimento de todas as dimensões do aluno, que promove uma educação integral, que o ajuda a refletir, a conhecer, a construir um projeto de vida, com bases sólidas. O programa apresenta três domínios de aprendizagem: Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; Ética e Moral. Estes domínios de aprendizagem são concretizados nas Metas Curriculares da disciplina.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Cf. AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - 2014*, p. 16.

É um programa com uma maior adequação à realidade escolar de hoje, podendo ser adaptado às necessidades de cada escola e de cada aluno, indo ao encontro da realidade dos mesmos. Este programa para a disciplina permite distribuir com maior facilidade as propostas de aprendizagem, trabalhando as metas e atingindo os objetivos.

Com a análise ao programa, podemos verificar que há unidades algo extensas e com o número de aulas que se tem para lecionar, a estratégia de gestão terá que passar pela seleção de conteúdos. Na prática letiva, constatei que a unidade letiva dois, “As Religiões”, do sétimo ano, para ser bem trabalhada com os alunos, exige algum tempo, pois não pode ser trabalhada a correr, tempo esse que depois poderá faltar nas outras unidades letivas. Tem que haver uma boa gestão do programa que permita lecionar as unidades todas, pois são todas importantes.

Neste ano de Prática de Ensino Supervisionada fui adquirindo e desenvolvendo atitudes e competências profissionais, através não só da prática letiva na escola, nas aulas e nas reuniões de núcleo, como nas atividades realizadas fora da escola. A relação pedagógica com os alunos foi sempre boa, dentro e fora da sala de aula.

Na prática de ensino supervisionada, lecionei, planifiquei, preparei e refleti sobre a unidade letiva dois, “As Religiões”,<sup>65</sup> e a unidade letiva quatro, “A Paz Universal”.<sup>66</sup> Como estas duas unidades estão relacionadas e interligadas, no meu trabalho vou tratar as duas unidades, abordando com mais minúcia a última parte da unidade letiva quatro – o diálogo inter-religioso, em estreita relação e ligação com a unidade letiva quatro, no que diz respeito à construção da paz.

Fazendo uma análise às unidades letivas lecionadas, posso referir que a unidade letiva dois – “As Religiões” contempla todas as metas do domínio da Religião e Experiência Religiosa, três metas do domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida e não contempla meta alguma do domínio da Ética e Moral.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - 2014*, p. 74-77.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 82-85.

<sup>67</sup> *Cf. Ibidem*, p. 71.

Perante esta análise, podemos verificar que é uma unidade que põe em destaque o domínio da Religião e Experiência Religiosa, dando especial importância e relevo ao religioso, relegando para um plano inferior os outros domínios.

A meu ver, a distribuição das metas pelos três domínios poderia resultar num maior equilíbrio. Note-se que os domínios da Cultura e Visão Cristã da Vida e da Ética e Moral são igualmente essenciais, logo seria importante que esta unidade também pudesse contemplar uma meta curricular do segundo domínio e outra do terceiro, nomeadamente a alínea J) – Descobrir a simbólica cristã, na medida em que cada uma das tradições religiosas pressupõe o conhecimento próprio da sua identidade e a alínea N) - Promover o bem comum e o cuidado do outro,<sup>68</sup> ficando assim desta forma mais equilibrado, no que diz respeito ao número de metas de cada domínio presentes nesta unidade.

Embora no meu entender a unidade esteja desproporcional quanto ao número de metas contempladas nos três domínios de aprendizagem, é de constatar que é uma unidade com conteúdos específicos ligados à religião e experiência religiosa, de tal modo que tenha que sobressair mais este primeiro domínio.

É de salientar que a unidade letiva dois – “As Religiões” é fundamental, tanto para os alunos como para o professor, porque esta unidade letiva dá a conhecer algumas das diferentes manifestações e tradições religiosas, permitindo tanto aos alunos como ao professor conhecer o núcleo central das mesmas. Por este facto, havendo um maior conhecimento, há também um maior respeito pelo que é diferente e uma maior colaboração entre todos.

É fundamental haver um maior conhecimento sobre a existência das várias religiões, de modo a compreender as tradições existentes, respeitando as suas diferenças. Pois, numa sociedade cada vez mais pluralista, torna-se necessário tomar conhecimento destas realidades, para uma melhor convivência. A compreensão do fenómeno religioso e da sua universalidade

---

<sup>68</sup> AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - 2014*, p. 71.

bem como as diversas manifestações religiosas e a experiência religiosa são também importantes.

Esta unidade letiva vai construindo uma narrativa, começa pela pergunta “o que é ser religioso?” e dá a conhecer, em seguida, algumas das diferentes religiões. Assim, desta forma, há uma componente cultural, quer na história das religiões, quer na forma de culto de cada uma, promovendo o respeito pela diferença, uns por os outros. Para além disso põe em relevo aquilo que nos é culturalmente próximo: o Deus de Jesus Cristo. Ao terminar esta unidade, há um novo apelo ao respeito, referindo a importância do diálogo inter-religioso como forma de construir a paz.

É uma unidade um pouco extensa, mas de extrema importância, sendo mesmo no meu parecer muito crucial. Esta unidade necessita de algum tempo para ser trabalhada com os alunos, porque estes não estão sensibilizados para a questão do religioso e das religiões. É necessário despertar neles esta realidade. Os conteúdos que aborda são muito importantes, as sínteses no fim de cada tema ajudam a compreender o que foi lecionado.

Com esta unidade letiva os alunos ficam a compreender que o fenómeno religioso faz parte da vida das pessoas;<sup>69</sup> que a experiência religiosa dignifica e dá sentido à vida.<sup>70</sup> Ficam também a compreender o essencial sobre algumas religiões orientais;<sup>71</sup> o núcleo central das religiões monoteístas;<sup>72</sup> e que existem princípios comuns às várias religiões que são suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos.<sup>73</sup>

A unidade letiva quatro, sobre “A Paz Universal”, contempla uma meta do domínio da Religião e Experiência Religiosa, duas metas do domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida, e três metas do domínio da ética e moral.<sup>74</sup>

---

<sup>69</sup> Cf. AAVV, *Manual do Aluno: EMRC - 7º Ano do Ensino Básico, Quero Saber*, SNEC, Moscavide, 2015, p. 40.

<sup>70</sup> Cf. *Ibidem*, p. 43.

<sup>71</sup> Cf. *Ibidem*, p. 51.

<sup>72</sup> Cf. *Ibidem*, p. 80.

<sup>73</sup> Cf. *Ibidem*, p. 86.

<sup>74</sup> AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - 2014*, p. 71.

Analisando esta unidade letiva, podemos constatar que dá especial importância ao domínio da Ética e Moral, ao contrário da unidade letiva dois, como já foi referido em que dá um maior ênfase ao domínio da Religião e Experiência Religiosa.

Com efeito, esta unidade letiva também apresenta uma pequena assimetria em relação à distribuição das metas pelos três domínios de aprendizagem, pois dá muito destaque a uma só área, colocando as outras duas num plano menos importante, dado que as metas do domínio Religião e Experiência Religiosa são muito específicas, em relação a esta unidade, assim como as metas do domínio Ética e Moral são muito específicas em relação à unidade letiva dois.

Esta unidade letiva dá relevo à igual dignidade da pessoa humana, à promoção do bem comum e do cuidado do outro, à paz como valor orientador da realidade humana, é uma unidade letiva importante porque ajuda os alunos a compreender que a paz é um valor universal e um direito de todos. Que todas as pessoas são iguais em dignidade e em direitos, que todos nós somos responsáveis pelo bem-estar uns dos outros e que devemos sempre promover a paz. Pois quando não respeitamos o outro, surgem as situações de falência de paz e as ruturas.

É uma unidade letiva onde os alunos vão descobrir que há pessoas e instituições que promovem a paz no mundo e que o seu trabalho por vezes é reconhecido, sendo-lhes atribuído o Prémio Nobel da Paz. Todos estes conceitos e conteúdos são importantes, pois ajudam os alunos a refletir, dando o seu contributo para a construção da paz e de um mundo mais fraterno.

A meu ver, é fundamental que os alunos compreendam que a paz é uma realidade orientadora do sentido da existência humana, que é um direito absoluto e deriva da igual dignidade dos seres humanos.

Ao trabalhar e estudar os conteúdos desta unidade letiva, os alunos são interpelados a refletir sobre o que é a Paz, as situações de falência da Paz, o que é necessário fazer para promover e construir a paz, passando também por promover o bem e o cuidado do outro.

No fim desta unidade, os alunos estarão capacitados para reconhecer que “a paz é um valor essencial na construção da nossa identidade, na nossa realização pessoal”<sup>75</sup> e é uma realidade universal (...) que dignifica todas as pessoas.<sup>76</sup>

Do mesmo modo, os alunos terão consciência de que através das suas atitudes, do seu empenho e compromisso, podem ser agentes ativos na construção de um mundo mais justo e mais pacífico. Certamente serão capazes, de “reconhecer a urgência de sermos mais responsáveis uns pelos outros no respeito pela paz e pelos direitos de todos”<sup>77</sup>; de “reconhecer que a paz é um direito universal que deriva da igual dignidade de todas as pessoas, e de compreender a urgência de estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé”;<sup>78</sup> de “reconhecer que a solução para as situações de conflito exige o reconhecimento da dignidade da pessoa, e de compreender a urgência de promover o bem comum e o cuidado do outro”;<sup>79</sup> de “identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã, e de compreender a importância do perdão”.<sup>80</sup>

Por conseguinte, os alunos terão a capacidade de compreender que “todas as religiões defendem princípios, regras e valores éticos conducentes à paz”,<sup>81</sup> e de “identificar o papel das religiões na construção da paz e de compreender a importância de promover o diálogo inter-religioso como suporte da colaboração entre os povos”.<sup>82</sup>

Após a análise das unidades, podemos verificar que a unidade letiva dois – “As Religiões” e a unidade letiva quatro – “A Paz Universal” são complementares e ambas fundamentais e que podem ser trabalhadas em estreita ligação, relacionando os conteúdos de uma com os de outra.

---

<sup>75</sup> AAVV, *Manual do Aluno: EMRC - 7º Ano do Ensino Básico, Quero Saber*, p. 124.

<sup>76</sup> Cf. *Ibidem*, p. 125.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 136.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 150.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 151.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 153.

No decorrer da prática de ensino supervisionada e após analisar e refletir sobre o meu percurso deparei-me com algumas questões, que pretendo abordar e esclarecer, nomeadamente, como é que o diálogo inter-religioso pode contribuir para a construção da paz.

Desta forma, “promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos” e “identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana”,<sup>83</sup> são respetivamente uma meta e um objetivo da unidade letiva dois – “As Religiões”, que me levaram a refletir e a interrogar sobre como explicar aos alunos do sétimo ano, de que modo é que o diálogo inter-religioso pode ser um contributo para a construção da paz.

Do mesmo modo que surge esta interrogação, outra se levanta: como é que os encontros promovidos pelos Papas ao longo do tempo são exemplo e de que forma podem contribuir para a paz?

Aliados a estas questões surgem os objetivos que pretendo atingir com esta reflexão, tais como refletir sobre a importância do contributo do diálogo inter-religioso para a construção da paz; mostrar como este diálogo é uma peça fundamental para a construção da mesma e demonstrar a relevância dos encontros ecuménicos realizados pelo Papa João Paulo II na promoção da paz.

Note-se que todos os dias chegam até nós notícias de guerra e de situações em que a paz falhou. Verificamos que as guerras decorrem de ideias levadas ao extremo pelos homens, que não há respeito pela dignidade do outro e pelo seu bem-estar. Há um desconhecimento da religião e das manifestações religiosas do outro. É necessário conhecer a religião do outro para que haja um maior respeito. O diálogo inter-religioso ajuda a que o desconhecimento não gere ódios e guerras, mas que se permita o conhecimento do bem pessoal para todos e que esse seja o caminho da paz.

---

<sup>83</sup> AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* - 2014, p. 76.

Um dos grandes exemplos de diálogo inter-religioso que poderá ajudar os alunos a entender é o grande encontro realizado pelo Papa João Paulo II, em Assis, no ano de 1986, “O Encontro de Assis”, assim como os encontros seguintes realizados a 24 de janeiro de 2002 pelo Papa João Paulo II e a 27 de Outubro de 2011 realizado pelo Papa Bento XVI.

Recentemente, o Papa Francisco disse no encontro com o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, aquando da sua visita à Turquia, que o diálogo inter-religioso e intercultural pode dar um contributo importante para se acabe com todas as formas de fundamentalismo e de terrorismo,<sup>84</sup> estas palavras vêm ao encontro das ideias que defendo sobre este tema.

Nesta mesma visita, o Papa sublinhou a importância de que todos os cidadãos – muçulmanos, judeus e cristãos – gozem dos mesmos direitos e respeitem os mesmos deveres,<sup>85</sup> facto que pode ser possível através do diálogo inter-religioso.

Após refletir sobre a forma como a disciplina de EMRC é fundamental para a educação dos jovens, proponho agora debruçar-me sobre o diálogo inter-religioso e promoção da paz.

---

<sup>84</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, “Encontro com as Autoridades - Discurso do Santo Padre”, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papafrancesco\\_20141128\\_turchia-incontro-autorita.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papafrancesco_20141128_turchia-incontro-autorita.html), acedido em 03-12-15, às 17:35.

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*.

## **2ª Parte**

### **1. Diálogo Inter-Religioso e Promoção da Paz**

#### **1.1 Breve introdução**

O tema do diálogo inter-religioso está associado e interligado com o tema da promoção e construção da Paz. Não se pode falar de um e depois de outro, são dois temas que se entrecruzam e se complementam. Diálogo inter-religioso entre as nações é uma forma de promover a paz. Refletir sobre o diálogo inter-religioso e a promoção da Paz é algo complexo e muito amplo. Estes dois temas apresentam um grande desafio e que é sempre atual, visto que todos os dias surgem notícias e factos novos. O diálogo inter-religioso e a promoção da Paz são um dos grandes desafios civilizacionais da nossa sociedade e do nosso tempo. Este deve ser encarado como necessário para a construção da paz mundial, sendo que é a peça chave na promoção e construção da mesma.

#### **1.2 Considerações sobre o Diálogo Inter-Religioso**

O diálogo inter-religioso é um diálogo em que se respeita a diversidade: de ideias, convicções, pensamentos, princípios e doutrinas, a que se reconhece a diferença. Apesar disso é possível conversar, trocar ideias, conviver e criar elos afetivos, procurando num clima de paz, harmonia, humildade, acolher e estimar o outro diferente de nós, mas nem por isso menos importante e menos pessoa.

O diálogo possibilita criar laços de amizade e fraternidade, em que todos se reconhecem como irmãos, trabalhando em conjunto na construção de um mundo mais pacífico. Permite também valorizar o que cada um transporta consigo culturalmente e o que cada religião pode transmitir. Há uma aceitação por parte de todos, da forma como são e o que transmitem,

permitindo a capacidade de dialogar, trocar ideias e pareceres, nada impondo, sem obrigar a aceitar pensamentos e considerações. É deste modo um diálogo aberto, sincero e verdadeiro.

Diálogo inter-religioso é definido por Jean-Claude Basset, na sua obra *El Diálogo Interreligioso*, como um “intercâmbio de palavras e escuta recíproca que compromete em pé de igualdade os crentes de diferentes tradições religiosas”.<sup>86</sup> Esta definição ajuda-nos a situar o que é específico no diálogo inter-religioso, a partir da referência aos crentes e suas tradições, sendo que “é a presença de pessoas motivadas pelas suas convicções religiosas e não o tema abordado, o que fundamenta o caráter inter-religioso de um diálogo”.<sup>87</sup>

Efetivamente, o diálogo é uma troca de ideias em palavras articuladas, uma forma de comunicação crucial nas relações entre as diversas tradições religiosas. Com o diálogo podem entender-se e respeitar-se nas suas diferenças. É a conversar e a trocar pontos de vista que se pode crescer e desenvolver-se. Note-se que é com uma escuta ativa e recíproca que se pode promover a construção da paz. Deste modo, o que hoje nos parece uma utopia seria verdadeiramente mais fácil.

No meu entender, hoje há uma necessidade muito grande de diálogo entre as pessoas. Com a evolução das sociedades, muitas das pessoas não conversam, não comunicam umas com as outras e não resolvem as suas dificuldades através do diálogo. Essa necessidade foi verificada nos meus alunos, durante a prática de ensino supervisionada. Pois, quando surgia algum conflito entre eles, era resolvido, muitas vezes, recorrendo à violência física e verbal. Não era dada a oportunidade mútua de resolverem os conflitos através do diálogo. É de extrema importância que haja efetivamente um diálogo recíproco entre todos, de modo a que tomem conhecimento das diferenças e assim possam conviver.

Como refere Jean-Claude Basset, “o diálogo inter-religioso situa-se no ponto de convergência de dois fenómenos distintos, que são o diálogo como meio de comunicação e o

---

<sup>86</sup> Cf. J. C. BASSET, *El Diálogo Interreligioso*, Desclée, Bilbao, 1999, p. 30.

<sup>87</sup> *Ibidem*.

encontro religioso em todas as suas formas”.<sup>88</sup> O facto de ser um meio de comunicação é de extrema importância, dado que se pode chegar com facilidade a todos. É o melhor meio para comunicar as nossas convicções, conhecendo as ideias dos outros.

O diálogo é algo intrínseco, espontâneo em nós, é algo básico e natural, é o que fazemos quando queremos comunicar algo a alguém, já nasce connosco, faz parte da nossa cultura. Então o diálogo inter-religioso também tem que ser intrínseco, espontâneo e natural. Construído naturalmente é crucial na promoção e construção da paz.

Podemos dizer que há dois tipos de diálogo que têm alguma relação estreita ou algum elo de ligação com o diálogo inter-religioso: são eles o diálogo cultural e o diálogo ecuménico.<sup>89</sup> D. José Policarpo no seu texto “O contributo do diálogo intercultural e inter-religioso para o desenvolvimento harmonioso da sociedade” declara que “o diálogo inter-cultural e o diálogo inter-religioso cruzam-se inevitavelmente”,<sup>90</sup> sendo que quando se fala num falamos no outro, uma vez que “o diálogo inter-cultural é uma componente intrínseca à própria cultura e encontra o seu fundamento na dignidade da pessoa humana.”<sup>91</sup>

Na sua conferência intitulada “Cultura, escola e religião”, no Fórum de EMRC, em 2014, referiu que “só a cultura permite à pessoa humana, na sua caminhada pessoal de liberdade, assumir-se em tudo como membro de uma comunidade.”<sup>92</sup> A cultura faz parte do ser humano é-lhe e está-lhe inerente, deste modo há um reconhecimento de que se pertence a uma dada comunidade, pois “o homem reconhece-se a si mesmo em diálogo com os outros pela participação responsável numa comunidade”.<sup>93</sup>

Sendo as religiões fator de forte influência nas culturas, em que por vezes o seu elemento unificador é o diálogo intercultural, este inclui necessariamente o diálogo inter-religioso, pondo

---

<sup>88</sup> Cf. J. C. BASSET, *El Diálogo Interreligioso*, p. 29.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>90</sup> D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO, “O contributo, do diálogo intercultural e inter-religioso para o desenvolvimento harmonioso da sociedade”, *Europa: Novas Fronteiras*, Nº 23, Jul/Dez, (2008), p. 89.

<sup>91</sup> *Ibidem*.

<sup>92</sup> IDEM, “Cultura, Escola e Religião”, *Pastoral Catequética*, nº 31-32, 2015, p. 18.

<sup>93</sup> IDEM, “O contributo do diálogo intercultural e inter-religioso”, p. 91.

as diferentes religiões a dialogar entre si de modo a respeitar a dignidade de cada uma.<sup>94</sup> O diálogo inter-religioso mostra que cada pessoa tem a sua dignidade própria, que merece ser respeitada. Com todas as diferenças que possam apresentar, todos são igualmente seres humanos e são dignos de ser respeitados.

Na sua reflexão sobre os diálogos inter-cultural e inter-religioso, D. José Policarpo refere ainda que o último é mais difícil, mas é tão necessário e fundamental quanto o primeiro. No seu parecer, o diálogo inter-religioso consiste em pôr as diferentes religiões a falar entre si<sup>95</sup>, sendo indispensável o respeito pela dignidade de cada uma. A atitude de respeitar, de aceitar, de acolher é vital e crucial para que o diálogo produza bons frutos.

Embora o diálogo inter-religioso seja essencial, surgem várias e diferentes dificuldades:<sup>96</sup> o sincretismo, mistura de várias crenças religiosas, numa única doutrina; a confusão frequente entre o diálogo ecuménico e o diálogo inter-religioso, pelo que é muito importante distinguir entre um diálogo e outro.

O ecumenismo “parte da confissão de fé em Jesus Cristo e assenta na convicção de que há uma só Igreja a realizar na história”,<sup>97</sup> o diálogo ecuménico é um diálogo entre as diferentes Igrejas cristãs que constituem a única Igreja de Jesus Cristo. O diálogo inter-religioso “diz respeito ao relacionamento entre diversas religiões com posicionamentos bem diversos entre si”,<sup>98</sup> em suma é um diálogo entre as diferentes religiões. Saliente-se que a utilização indiferenciada destes dois termos desvaloriza uma tarefa que continua a ser de importância fulcral para a consciência cristã.<sup>99</sup>

Outras dificuldades existentes são a memória histórica de guerras entre as religiões, em que através da violência foram impostas perspetivas religiosas, e o desconhecimento mútuo das

---

<sup>94</sup> Cf. D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO, “O contributo do diálogo intercultural e inter-religioso”, p. 89.

<sup>95</sup> Cf. *Ibidem*, p. 92.

<sup>96</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>97</sup> J. E. DE BORGES DE PINHO, *Ecumenismo: Situação e perspetivas*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011, p. 18.

<sup>98</sup> *Ibidem*.

<sup>99</sup> Cf. *Ibidem*.

religiões, dado que este não simplifica, não favorece e não promove o diálogo.<sup>100</sup> Este pode gerar muita indefinição e incompreensão, levando a que surjam por vezes mal-entendidos, que podiam ser evitáveis. O desconhecimento conduz à intolerância e indiferença.

Verificamos que nos dias de hoje há um grande desconhecimento do outro e das suas perspectivas, há intolerância e indiferença, não havendo condições para a construção de um diálogo. Quando se supera a indiferença, a intolerância, quando se é capaz de aceitar teses diferentes, quando se é capaz de ouvir sem impor, ocorre um diálogo que pode resultar em bons êxitos.

Para a construção da Paz, ainda que o diálogo inter-religioso se apresente como fundamental, é também de extrema importância o conhecimento mútuo das religiões. É importante e precioso que existam formas de dar a conhecer as diferentes religiões e as suas características basilares que as identificam e lhes dão identidade. Com efeito, o diálogo inter-religioso é um desafio constante e permanente, mas também é uma graça podermos comunicar uns com os outros, esta graça consiste no saber acolher os outros nas suas diferenças.<sup>101</sup>

Com o diálogo inter-religioso surge a oportunidade de as várias religiões se darem a conhecer umas às outras, criando o gosto e o interesse por saber e entender mais, de modo a poder saber respeitar melhor. Entender, compreender e perceber as tradições religiosas é um bom caminho para promover a paz. O diálogo pressupõe sempre uma pré-disposição para o confronto de ideias, o debate e sobretudo o respeito pela diferença.<sup>102</sup> Só quando há um reconhecimento mútuo da respetiva dignidade entre as partes, é que é possível existir um diálogo verdadeiro.<sup>103</sup>

---

<sup>100</sup> Cf. D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO, “O contributo do diálogo intercultural e inter-religioso”, p. 92.

<sup>101</sup> Cf. J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso numa sociedade pluralista”, *Didaskalia*, Vol. XXXII, Fascículo 1, (2002), p. 71.

<sup>102</sup> Cf. J. L. PEREIRA, “A Unidade da Igreja, o Ecumenismo e o Diálogo Inter-Religioso à Luz do Concílio Vaticano II”, *Estudos*, Nova Série nº 5, Dezembro (2005), p. 102.

<sup>103</sup> Cf. A. C. G. DE OLIVEIRA, “Orientações bíblicas para um diálogo inter-religioso eficaz”, *Estudos Teológicos*, Ano 4, Julho/Dezembro (2000), p. 163.

A atitude de respeitar tem que estar presente sempre que falamos de diálogo inter-religioso. Só se pode promover e construir a paz com base no respeito por todas as pessoas. De tal modo que quando nos deparamos com situações de falência da paz, nomeadamente conflitos, agressões e outras situações, é porque não houve o devido respeito e os pilares da igualdade da justiça e da liberdade falharam, transformando-se em egoísmo, ganância, indiferença e desejo de poder. Podemos verificar que estas atitudes estão em crescendo na sociedade hodierna, multicultural e aparentemente pluralista em que vivemos. Digo aparentemente porque deveria saber lidar com a pluralidade de realidades, o que não acontece, pois quando surge algo diferente, há logo reações negativas, não havendo um esforço para compreender a diferença.

Por esta razão e neste contexto podemos inserir como máxima a desenvolver por todos nós a afirmação “semelhantes na diferença”, isto é iguais em termos de dignidade e em termos de seres humanos, mas diferentes nas convicções, pensamentos e opções.

Estou em crer que o diálogo inter-religioso se tornou para a vida do mundo essencial e vital, uma vez que pode aproximar as diferentes tradições religiosas mostrando como se pode conviver com a diversidade e mostrando como é possível a construção de um mundo melhor mais justo e mais pacífico. Com o diálogo inter-religioso acende-se uma luz, uma chama de esperança em relação às atitudes a tomar na promoção e construção da paz.

Jacques Dupuis, no seu texto “Diálogo inter-religioso numa sociedade pluralista”, afirma que o diálogo inter-religioso tornou-se para a vida do mundo de fundamental importância, sendo imprescindível que este diálogo exista para a construção comum de uma sociedade mais justa e pacífica,<sup>104</sup> pois, como sabemos, cada religião tem as suas características e as suas diferenças, então, para que haja bons frutos resultantes do diálogo, é necessário que exista uma avaliação positiva das diferentes tradições religiosas.<sup>105</sup> Esta avaliação positiva é, na maior parte das vezes difícil, árdua e improvável.

---

<sup>104</sup> Cf. J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso numa sociedade pluralista”, p. 69.

<sup>105</sup> Cf. *Ibidem*.

Podemos considerar ser moroso e delicado mudar as mentalidades vigentes, mas não é impossível ou inviável. É sem dúvida urgente e necessário tomar medidas que transformem as mentalidades e consciências, que haja mais atitudes que sensibilizem para a construção da paz.

A paz é urgente e basilar e para acontecer torna-se imperativo tomar atitudes, em que todos em conjunto trabalhemos com esse fim. As noções de fraternidade, igualdade, respeito têm que ser adotadas por todas as pessoas.

O diálogo inter-religioso reflete a paz, a sinceridade é um gesto que vai em busca da verdade, que permite sair ao encontro do outro, investindo o melhor que tem, oferecendo a paz. É um exemplo do caminho a seguir por todas as pessoas, apelando à mudança de ideias, de princípios e apelando à transformação dos valores impostos na sociedade. Transporta consigo, com todos os que engloba e que incorpora, a colaboração mútua na defesa da justiça, da paz, da liberdade e da dignidade humana, evidenciando que todos somos irmãos, unidos no mesmo ideal, promovendo a estima, o acolhimento, a humildade e a compreensão.

A sociedade precisa de adolescentes e jovens, futuros adultos, bem informados, bem consciencializados, capazes de uma tomada de decisão pessoal e livre, capazes de operar mudanças e de aceitar a pluralidade, a heterogeneidade de conceitos, perspectivas e pontos de vista, conscientes dos princípios que tornam um mundo melhor.

Aquando da prática de ensino supervisionada, pude perceber que os meus alunos de sétimo ano não estavam despertados para os conteúdos a lecionar sobre as diversas tradições religiosas e para as questões sobre o diálogo inter-religioso e também para a promoção e construção da paz.

Ao lecionar as referidas aulas, no início, havia algum desinteresse em relação a estes temas e pouca participação dos alunos quando interpelados. Na aula sobre a temática “Deus de Jesus Cristo” e sobre o diálogo inter-religioso, os alunos estavam mais participativos ao responder à pergunta “Quem é Deus para ti?”. Apesar disso as respostas não foram muito

objetivas. Os alunos não têm contacto em casa com estas temáticas, sendo por isso necessário despertá-los, interpelando-os, criando neles o gosto e o interesse por estas temáticas.

Ao lecionar as unidades letivas dois, “As Religiões”, e quatro, “A Paz Universal”, do programa de EMRC de sétimo ano, foi possível comprovar que é muito importante que estes conteúdos sejam lecionados. É indispensável promover o debate destes assuntos e temas, dando chaves de leitura aos alunos, capacitando-os para poderem tomar as suas decisões fundamentadas e não só porque sim, ou porque alguém também o fez. Se cada jovem procurar na sua escola promover a paz, através de gestos simples no dia-a-dia, poder-se-á um dia mais tarde alcançar a tão sonhada paz no mundo.

É fundamental educar para a paz e para a construção de um mundo melhor, ajudando a redescobrir a ideia de fraternidade. É crucial fazer perceber que apesar das várias diferenças somos todos iguais em dignidade, somos todos seres humanos.

No que diz respeito às diferentes tradições religiosas e às suas características e princípios, é importante fazer perceber que a diferença é positiva, que é bom haver diferença, que vivemos na mesma casa comum, a qual temos que cuidar bem, que temos o mesmo ideal – cuidar da casa comum – e que nos regemos pela mesma máxima, pela mesma regra de ouro “Não façam aos outros o que não desejam que os outros vos façam.”<sup>106</sup>

Importa salientar o quão urgente é pôr em prática esta máxima e, como afirma Anselmo Borges no seu livro *Religião e Diálogo Inter-Religioso*, “num mundo global cada vez mais multicultural e de pluralismo religioso, é urgência maior repensar a identidade e avançar no diálogo inter-cultural e inter-religioso, sempre no horizonte da unidade na diferença e da diferença na unidade”.<sup>107</sup>

Com efeito, e como afirma João Duque no seu artigo “Diálogo inter-religioso e encontro de culturas”, o diálogo não pressupõe uniformidade, pois entre realidades idênticas nunca

---

<sup>106</sup> AAVV, *Manual do Aluno: EMRC - 7º Ano do Ensino Básico, Quero Saber*, p. 151.

<sup>107</sup> A. BORGES, *Religião e Diálogo Inter-Religioso*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010, p. 12.

poderá haver propriamente diálogo.<sup>108</sup> A condição mais importante e primeira para que haja interlocução e troca de ideias é a pluralidade de culturas, pluralidade de pareceres, é o facto de haver ideias distintas, é isso que permite o diálogo.

Este autor apresenta outras condições para um diálogo autêntico. Estas condições pretendem tornar mais original e verídica a comunicação. A primeira condição proposta “ «é respeitar o outro na sua diferença» ”.<sup>109</sup> Por conseguinte, o diálogo só acontece se houver o reconhecimento e uma aceitação das diferenças da pessoa, com quem queremos comunicar e trocar ideias. Este é um requisito fundamental. É necessário que haja não só uma diversidade de seres, mas também de perspetivas que tenham o respetivo respeito e reconhecimento.

A segunda condição apresentada é “ «permanecer fiel a si mesmo» ”,<sup>110</sup> sendo necessário que haja identidade própria, pois se os parceiros de conversação não tiverem uma identidade religiosa e cultural não pode haver diálogo. A necessidade de encontrar uma base ou critério comum sobre a qual possam estar de acordo é a terceira condição para uma troca de ideias autêntica.<sup>111</sup> Se para haver diálogo tem de haver pluralidade de pareceres e perspetivas, também tem de haver critérios comuns que levem a um acordo; há que haver um equilíbrio. Em suma, tem de haver multiplicidade de pontos de vista e de sentidos, todavia tem de haver princípios e parâmetros comuns. Esta condição é também um requisito fundamental e necessário, sendo o fundamento dos outros dois atrás mencionados.<sup>112</sup>

Quando falamos de diálogo inter-religioso podemos constatar que há diferentes ideias sobre o mesmo. Efetivamente todos os pareceres e todas as considerações são válidas para diálogo, assim haja respeito pelo outro. Quando isso não acontece torna-se complicado o diálogo. É difícil respeitar as considerações e os contrastes apresentados, visto que cada um

---

<sup>108</sup> Cf. J. DUQUE, “Diálogo inter-religioso e encontro de culturas: A propósito de um livro recente”, *Theologica*, 2ª Série, nº 41, fascículo 2, (2006), p. 237.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 238.

<sup>110</sup> *Ibidem*.

<sup>111</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>112</sup> Cf. *Ibidem*.

quer impor e monopolizar as suas ideias e as suas convicções, não deixando abertura a novos pensamentos.

Por esta razão e devido ao egoísmo manifestado é que surgem muitos conflitos, pois não há um esforço por escutar ativamente novos pareceres, novas ideias e experiências. O intercâmbio entre as diferentes religiões originado pelo diálogo inter-religioso pressupõe uma convivência baseada na tolerância, em que todos possam abrir-se ao outro sem imposições e sem condenações.

Hans Küng afirma que “não faz sentido pregar ou ambicionar uma verdadeira paz entre os homens se primeiro não houver uma sólida paz religiosa e que esta não se alcança sem um verdadeiro diálogo entre as religiões”.<sup>113</sup> Do mesmo modo, também refere que é necessário prosseguir o diálogo para que se conheça não só cada vez melhor os crentes das outras religiões, com quem mantemos um contacto ou uma ligação mais estreita, mas também para nos podermos entender melhor a nós mesmos.<sup>114</sup>

Faz todo o sentido que as diferentes religiões construam em conjunto uma base sólida e comum a todas, que possa promover um bom entendimento. É necessário que encontrem pontos comuns entre elas, que possam permitir solidez e a construção de um mundo onde os seres humanos possam viver e realizar-se plenamente. Demonstrando a existência sólida das suas relações terá mais pertinência seguir o exemplo, dado que não se segue o que não se apresenta consistente e consolidado.

Este autor refere ainda que “«não pode haver paz entre as nações sem paz entre as religiões. Não pode haver diálogo entre as religiões sem a procura de um fundamento teológico».”<sup>115</sup> Deste modo, para haver paz no mundo é essencial que haja paz entre as igrejas

---

<sup>113</sup> J. L. PEREIRA, “A Unidade da Igreja”, referindo-se a HANS KÜNG, *El Cristianismo y las grandes religiones*, p. 96.

<sup>114</sup> Cf. HANS KÜNG, *El Cristianismo y las grandes religiones*, Libros Europa, Madrid, 1987, p. 521.

<sup>115</sup> HANS KÜNG, citado por J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso”, p. 69.

cristãs e o diálogo inter-religioso seja sincero, em que o mesmo seja fundado teologicamente e com base num estudo e numa análise positiva das diferentes tradições religiosas.<sup>116</sup>

A meu ver, o fundamento do diálogo a que se refere este autor é o estudo e o conhecimento das diferentes religiões, assim sendo, só poderá haver diálogo entre as religiões baseado num conhecimento prévio das mesmas. É crucial que entre as religiões haja paz para que também haja paz entre as nações, pois uma coisa complementa a outra e o exemplo tem de ser dado por todos.

Para compreender melhor a base e o fundamento teológico do diálogo inter-religioso, podemos encontrar no Concílio Vaticano II algumas respostas e explicações, assim como também a percepção da importância do diálogo nas relações entre as diferentes tradições cristãs.

### **1.3 O Diálogo Inter-Religioso e o Concílio Vaticano II**

O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII, no dia 25 de dezembro de 1961, através da Bula *Humanae Salutis*.<sup>117</sup> Realizou-se entre 11 de setembro de 1962 e 8 de dezembro de 1965 e foi um dos grandes momentos da Igreja. Foi um Concílio que teve quatro sessões, em que se procurou refletir sobre a Identidade da Igreja e a sua relação com a sociedade contemporânea. Entre muitas preocupações levadas ao Concílio, muitos temas refletidos e discutidos, uma das maiores foi a unidade dos cristãos.<sup>118</sup>

Neste Concílio Ecuménico, o diálogo da Igreja romana com o mundo contemporâneo e o diálogo com as confissões não cristãs constituíram um dos grandes objetivos, isto é, um dos grandes temas a ser refletidos.<sup>119</sup> O respeito pela diferença e a convicção de que a unidade não exclui a diversidade constituíram o grande norte que orientou todo o ecumenismo e a doutrina

---

<sup>116</sup> Cf. J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso”, p. 69.

<sup>117</sup> Informação retirada da página [http://www.snpcultura.org/concilio\\_vaticano\\_ii\\_origem\\_e\\_documentos.html](http://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.html), acedido em 31-03-16, às 15:05.

<sup>118</sup> Cf. J. L. PEREIRA, “A Unidade da Igreja”, p. 94.

<sup>119</sup> Cf. *Ibidem*, p. 113.

do diálogo esboçados no Concílio Vaticano II,<sup>120</sup> de onde saíram indicações que exortam todos os filhos da Igreja a que promovam o diálogo e a colaboração com os fiéis que não professam a fé cristã, quando se trata da prática do bem.<sup>121</sup>

Do Concílio Vaticano II saiu a Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as Religiões Não Cristãs, no ano de 1965. Esta declaração é um dos fundamentos teológicos para o diálogo inter-religioso. É um “documento que assinala uma profunda mudança, uma autêntica viragem, na teoria e na prática da Igreja a respeito das religiões.”<sup>122</sup> Este documento convida a realizar “gestos de promoção, de colaboração, de estima e de diálogo franco”.<sup>123</sup> É um convite a esquecer o passado, a “exercitar sinceramente a mútua compreensão” e a “defender com todos os homens a justiça social, os valores morais, a paz e a liberdade.”<sup>124</sup> Este texto visa não excluir as outras religiões e refere não só as religiões monoteístas, como também o budismo e o hinduísmo.<sup>125</sup>

A Declaração Conciliar *Nostra Aetate* é a definição da posição da Igreja perante as confissões não cristãs e aqueles que as professam.<sup>126</sup> No número um, afirma que “todos os povos formam (...) uma só comunidade, têm uma só origem, pois Deus fez habitar toda a raça humana à face da terra.”<sup>127</sup> Todos os povos formam um só, não há razões para diferenças e todos devem habitar o mesmo espaço e conviver pacificamente.

Esta declaração apresenta três aspetos importantes: o primeiro é o apreço da Igreja em relação aos valores que encerram tais confissões; o segundo ponto, o património histórico-doutrinário comum aos Judeus e Cristãos; o terceiro, a ideia de fraternidade universal como o

---

<sup>120</sup> Cf. J. L. PEREIRA, “A Unidade da Igreja”, p. 96.

<sup>121</sup> Cf. *Ibidem*, p. 115.

<sup>122</sup> A. L. ESTEVES, “O Diálogo Inter-Religioso”, *Memoria*, Vol. 7, (2000), p. 127.

<sup>123</sup> *Ibidem*.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 146.

<sup>125</sup> Cf. *Ibidem*, p. 147.

<sup>126</sup> Cf. J. L. PEREIRA, “A Unidade da Igreja”, p. 114.

<sup>127</sup> Vaticano II e Declaração *Nostra Aetate* citados por J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso”, p. 72.

sublime motivo que deve fomentar o entendimento e unir todos os homens sem distinção de etnia e cor.<sup>128</sup>

O tema do diálogo inter-religioso foi muito debatido e alvo de profundas reflexões. Encontramos também na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, de 1965, no número noventa e dois,<sup>129</sup> fundamento teológico para o mesmo, assim como na encíclica *Evangelii Nuntiandi* de 1975, no número setenta e cinco.<sup>130</sup> A Constituição *Gaudium et Spes*, como reflexo da Encíclica *Ecclesiam Suam* do Papa Paulo VI, propõe, no número noventa e dois, que haja diálogo entre todos os homens na vida da Igreja. O diálogo inter-religioso é um diálogo proposto, ou seja, um diálogo entre os cristãos, um diálogo entre e com as religiões não cristãs e um diálogo com o mundo.<sup>131</sup> É um diálogo aberto, sincero e verdadeiro entre todas as partes envolvidas.

Na sequência do Concílio Vaticano II, o Papa João Paulo II deu um importante contributo para o fundamento teológico do diálogo inter-religioso<sup>132</sup>. No número seis da sua Carta Encíclica *Redemptor Hominis*, de 1979, assegura que “«a firme crença» dos adeptos das outras religiões é «também ela um efeito do espírito de verdade que actua para lá dos limites visíveis do corpo místico»”.<sup>133</sup>

Do mesmo modo, este Papa, através da carta encíclica *Dominum et Vivificantem*, sobre o Espírito Santo, no ano de 1986, refere “a presença universal do Espírito ao longo da história da salvação, desde as origens”.<sup>134</sup> Mais tarde, no ano de 1990, no número vinte oito, da carta encíclica *Redemptoris Missio*, reafirmou que “a presença e ação do Espírito não diz só respeito aos indivíduos, mas também à sociedade (...), aos povos, às culturas, às religiões.”<sup>135</sup>

---

<sup>128</sup> Cf. J. L. PEREIRA, “A Unidade da Igreja”, p. 114.

<sup>129</sup> Cf. *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Actual (Gaudium Et Spes)*, nº 92. [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html), acedido em 20-07-2016, às 11:35.

<sup>130</sup> Cf. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, nº 75. [http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html), acedido em 20-07-2016, às 11:50.

<sup>131</sup> Cf. A. L. ESTEVES, “O Diálogo Inter-Religioso”, p. 127.

<sup>132</sup> Cf. J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso”, p. 72.

<sup>133</sup> Carta Encíclica *Redemptor Hominis* citada por J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso”, p. 73.

<sup>134</sup> J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso”, p. 75.

<sup>135</sup> Carta Encíclica *Redemptor Missio* citada por J. DUPUIS, “O diálogo inter-religioso”, p. 74.

Com estes textos, podemos concluir que a presença atuante do Espírito Santo no mundo está nos membros das outras religiões e nas próprias tradições religiosas.

#### 1.4 Pilares do Diálogo Inter-Religioso

Neste quadro do diálogo inter-religioso, Anselmo Borges, na obra intitulada *As três religiões do livro*, refere que aquele para ser autêntico e verdadeiro, só pode acontecer no campo do pluralismo.<sup>136</sup> Atendendo à relevância e importância do mesmo diálogo, o autor apresenta quatro pilares fundamentais que são o suporte e o eixo do diálogo.

O primeiro pilar diz que “todas as religiões, desde que não só não se oponham ao *Humanum*, mas pelo contrário, o afirmem e promovam, são reveladas e verdadeiras”.<sup>137</sup> Deste modo, todas as tradições religiosas se consideram reveladas. Com efeito, Deus sempre procurou comunicar com todos os povos, assim sendo nas tradições religiosas existem presenças de verdade e santidade, pois “todas são reveladas, todas são também simultaneamente verdadeiras e falsas”,<sup>138</sup> em que Deus se revela exercendo a sua salvação em todas e cada uma das religiões.

No segundo pilar “as religiões são manifestações e encarnações da relação de Deus com o homem e do homem com Deus”<sup>139</sup>, por conseguinte são relativas em sentido duplo. Primeiro porque fazem parte de um determinado contexto histórico-social e segundo porque estando referidas em relação com o absoluto, elas próprias não são o absoluto.<sup>140</sup>

Em relação ao terceiro pilar, este é exigido pelo segundo, sendo que “as diferentes religiões são perspectivas sobre e vivências do Absoluto.”<sup>141</sup> Desse modo, para haver uma melhor aproximação do Mistério Divino, presente em cada religião, os crentes devem entrar em diálogo, enriquecendo-se mutuamente, sendo que este Mistério Divino é sempre transcendente

---

<sup>136</sup> Cf. A. BORGES, “Pilares do diálogo inter-religioso”, A. BORGES, J. G. MONTEIRO (coordenação) – *As Três Religiões do Livro*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, p. 12.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>138</sup> *Ibidem*.

<sup>139</sup> *Ibidem*.

<sup>140</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 14.

a todas e cada uma.<sup>142</sup> Naturalmente, as religiões deviam aprender umas com as outras e complementar-se, porque são ao mesmo tempo verdadeiras e imperfeitas.<sup>143</sup>

Por último e parecendo um paradoxo, o quarto pilar afirma que os agnósticos e ateus também fazem parte do diálogo inter-religioso, visto que somos todos vinculados pela humanidade, concluindo que por estarem no exterior do diálogo, se possam aperceber melhor da idolatria que afeta as religiões. De facto, é a humanidade que nos une, muito antes de sermos crentes ou não crentes, por isso devemos estar unidos.<sup>144</sup> Os agnósticos e ateus mostram-se comprometidos na busca da verdade, dispondo-se a participar e a colaborar, como um sinal do seu desejo de trabalhar juntos na construção de um mundo melhor.<sup>145</sup>

No meu entender, todos devemos fazer parte do diálogo inter-religioso, incluindo agnósticos e ateus, pois só trabalhando em conjunto e partilhando ideias podemos ir construindo o caminho que leva à paz e a um mundo melhor. Como diz o Papa Bento XVI “trata-se de nos sentirmos juntos neste caminhar para a verdade, de nos comprometermos decisivamente pela dignidade do homem e de assumirmos juntos a causa da paz”.<sup>146</sup>

O diálogo inter-religioso é um sinal do desejo de todas as religiões de trabalharem juntas na construção de um mundo melhor, é sinal de dinamismo, de coragem, é um sinal de confiança depositada no ser humano. Cada vez mais é necessário que haja coragem, que haja ousadia no diálogo entre as religiões. Esta coragem para a abertura ao outro e para viver na diversidade deve revelar-se no desejo de quebrar as barreiras existentes criadas pela sociedade.

A firmeza do diálogo inter-religioso tenta unir todos à volta do mesmo ideal e do mesmo sonho, a construção de um mundo melhor e mais pacífico, onde todos possam conviver sem

---

<sup>142</sup> Cf. A. BORGES, “Pilares do diálogo inter-religioso”, p. 15.

<sup>143</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>144</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>146</sup> PAPA BENTO XVI, “Dia de Reflexão, Diálogo e Oração pela Paz e a Justiça no Mundo: ‘Peregrinos da Verdade, Peregrinos da Paz’ ”, 27 de outubro de 2011. [http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2011/october/documents/hf\\_benxvi\\_spe\\_20111027\\_assisi.html](http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2011/october/documents/hf_benxvi_spe_20111027_assisi.html), acessado em 20-07-16, às 15:00.

impedimentos e sem obstáculos, onde possam reinar os valores da paz, da fraternidade, da justiça.

### **1.5 Diálogo Inter-Religioso: Reflexões de um Judeu, de um Cristão e de um Muçulmano**

O Padre António Spadaro, no livro *Superar o Muro*, refere que “É possível «caminhar juntos» e dialogar (...) como amigos”,<sup>147</sup> estando subjacente a ideia de que é possível, apesar das diferenças, uma convivência amigável e pacífica, com a tenacidade de esquecer as diferenças, construindo um caminho juntos na promoção da paz. Um exemplo deste caminho feito em conjunto e uma forma de diálogo inter-religioso é a sua entrevista/conversa aberta com o rabino Abraham Skorka, judeu, e com o doutor Omar Abboud, muçulmano, ou seja, um intercâmbio de ideias entre um cristão, um judeu, um muçulmano. Com este exemplo podemos ver que “não há diferenças entre sangue árabe e judeu”,<sup>148</sup> ou cristão. Todos são pessoas iguais em dignidade, todos pertencem à mesma casa, o planeta terra, criado por Deus para todos.

Com a conversação, Omar Abboud fez algumas considerações sobre o diálogo inter-religioso. Relatou que o seu avô dizia que “todos os homens para lá de qualquer tipo de fronteira, são irmãos em Deus”,<sup>149</sup> de tal modo que alguns muçulmanos creem que somos todos irmãos em Deus, acrescentando ainda que “o maior desafio, às vezes não é sentarmo-nos com aqueles que praticam uma religião diferente, mas convencer aqueles que praticam a nossa”.<sup>150</sup> Manifestou o desejo de que “os líderes religiosos se possam tornar veículos para construir a paz e a justiça”<sup>151</sup> de que os lugares em conflito tanto precisam, assim como afirmou que “a paz é um direito inalienável, como o direito à identidade ou à alimentação”,<sup>152</sup> dado que é um direito tão necessário e importante quanto os outros, é um direito próprio de cada pessoa, é

---

<sup>147</sup> A. SPADARO, O. ABBOUD, A. SKORKA, *Superar o Muro: Diálogo entre um muçulmano, um rabino e um cristão*, Paulinas, Prior Velho, 2014, p. 7.

<sup>148</sup> *Ibidem*, p. 9

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>150</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>152</sup> *Ibidem*, p. 38.

intransmissível e não pode ser dado ou vendido. Este direito à Paz é, no parecer de Omar Abboud, “uma das bases do diálogo inter-religioso: não basta a segurança, é necessária a Paz”,<sup>153</sup> pois segurança não significa expressão de paz.

Além disso “o diálogo inter-religioso (...) deve desenvolver-se a dois níveis: com as outras religiões, mas também no interior da mesma religião”,<sup>154</sup> dado que a comunicação, a reflexão e o debate de ideias também têm de ser feitos no seio da mesma religião, porque, apesar da unidade, também há diferenças. O diálogo permite que os interesses particulares sejam ultrapassados pelos objetivos comuns, sendo o caminho melhor que se pode adotar.<sup>155</sup>

Também o rabino Abraham Skorka aquando da sua conversa aberta com o Padre Spadaro teceu algumas considerações a este respeito. Com efeito, referiu que a sua amizade e o seu diálogo com o Papa Francisco são “sinal de que se pode abrir o caminho que conduz à paz e que pode aproximar mais Roma e Jerusalém”,<sup>156</sup> por esta razão podem ser um exemplo de diálogo inter-religioso.

Com este exemplo, fica provado que duas tradições religiosas podem conversar e ser amigas, tal como duas cidades distintas, mas com grandes marcas históricas que as unem. Tal como o Papa Francisco e Abraham Skorka aprenderam a compreender-se um ao outro nas suas tradições e crenças, assim também todas as nações, tradições religiosas e seus crentes o deveriam fazer, sem fundamentalismos.<sup>157</sup>

A violência não se pode vencer com mais violência e a única maneira de ultrapassar é com a paz, com o trabalho, com a dignidade, sublinhando e destacando os princípios que nos levam à construção de um caminho de paz.<sup>158</sup> A paz não pode ser um mero acordo entre chefes que é imposto. A paz é tão fundamental, que tem que ser sentida, desejada, querida e vivida por

---

<sup>153</sup> A. SPADARO, O. ABBLOUD, A. SKORKA, *Superar o Muro*, p. 38.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>155</sup> Cf. *Ibidem*, p. 48.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 76.

<sup>157</sup> Cf. *Ibidem*, p. 87.

<sup>158</sup> Cf. *Ibidem*, p. 92.

todos. A verdadeira paz deve ser alcançada unicamente quando são ultrapassados os grandes obstáculos, como o ódio, a injustiça e a violência.<sup>159</sup>

O diálogo é no parecer do Rabino Abraham Skorka “um processo que começa quando as partes se aproximam e se olham reciprocamente no rosto”,<sup>160</sup> se conhecem, se respeitam e reconhecem que o outro possui as mesmas qualidades humanas, que todos somos semelhantes. “O diálogo inter-religioso deve ser visto como um dos mais importantes desafios”.<sup>161</sup>

No meu entender, o diálogo inter-religioso é um desafio indispensável na promoção e construção da paz. Com efeito, a paz é essencial e vital entre os povos, um direito inalienável de todas as nações, que depende de todos nós sem exceção, depende das nossas atitudes. Mobilizemos esforços para tornar os valores da paz, da tolerância, do respeito pelo outro, do diálogo, da colaboração, da liberdade, da dignidade humana princípios orientadores da sociedade.

Neste sentido, a disciplina de EMRC é um contributo fundamental para a mobilização desses esforços, dado que é um espaço em que os alunos refletem e trabalham em conjunto com o professor estes princípios orientadores, com vista à sua participação na sociedade e à construção de um mundo melhor.

É de salientar que, os alunos nas aulas de EMRC além de trabalhar e refletir tomam conhecimento de alguns exemplos de atitudes e gestos simbólicos realizados no âmbito do diálogo inter-religioso e na construção da paz. Desta forma podem perceber que também eles podem ser autores de pequenos gestos na construção da paz.

---

<sup>159</sup> Cf. A. SPADARO, O. ABOUD, A. SKORKA, *Superar o Muro*, p. 38.

<sup>160</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>161</sup> *Ibidem*, p. 114.

## 2. Gestos Simbólicos e Deslocações à Terra Santa no Âmbito do Diálogo Inter-Religioso e da Construção da Paz

### 2.1 Papa João Paulo II

Como gesto de diálogo inter-religioso, o Papa João Paulo II convidou e reuniu, numa Jornada de Oração pela Paz, em Assis, os representantes de diversas Igrejas, Comunidades Cristãs e Grandes Religiões do Mundo, para jejuarem e rezarem juntos pela Paz, no dia 27 de Outubro de 1986.<sup>162</sup> Este encontro veio a transformar-se num “ícone de Paz e de esperança para toda a humanidade”.<sup>163</sup> Foi uma jornada que assumiu um lugar de destaque no caminho do diálogo entre a Igreja Católica e as outras religiões.<sup>164</sup>

Podemos questionar-nos acerca da convocação de tão belo encontro e verificar que a Organização das Nações Unidas proclamou o ano de 1986 como o Ano Internacional da Paz. Aquando da semana de oração pela unidade dos cristãos, o Papa João Paulo II, na Basílica de São Paulo, tornou público o seu gesto de convocar uma Jornada Mundial de Oração pela Paz em Assis.<sup>165</sup> Outra questão que surge é porquê em Assis e não noutra cidade, ou mesmo no Vaticano. O Papa João Paulo II considerava Assis como o “lugar no mundo onde todos se podem encontrar”<sup>166</sup> e dizia “ viemos a Assis (...) significando o caminho comum que a humanidade é chamada a percorrer.”<sup>167</sup> A cidade de Assis é considerada lugar de Paz.

Analisando o porquê de um encontro tão importante se realizar na cidade de Assis, podemos concluir que a escolha se baseia no modo de ser de São Francisco de Assis, que nos mostra pelo exemplo, segundo o qual com palavras de paz é possível anunciar o Evangelho,

---

<sup>162</sup> Cf. FR. I. LAMELAS OFM, “Espírito de Assis: 20 Anos de um Caminho a Percorrer”, *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº 29, Editorial Franciscana, Braga, 2006, p. 6.

<sup>163</sup> *Ibidem*.

<sup>164</sup> Cf. J. A. SILVA, “O Encontro de Assis: marco simbólico do diálogo inter-religioso”, *Theologica*, 41, 2, (2006), p. 273.

<sup>165</sup> Cf. FR. I. LAMELAS OFM, “Espírito de Assis”, p. 6.

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>167</sup> *Ibidem*.

dialogar, chegar à paz.<sup>168</sup> Através deste exemplo, o Papa João Paulo II percebeu em Assis um clima de paz e tolerância, convocando para esta cidade a Jornada Mundial de Jejum e Oração Pela Paz.

São Francisco de Assis foi “o santo que soube conciliar, num equilíbrio surpreendente, a adesão literal e radical ao Evangelho e a Cristo com uma capacidade espiritual desmedida de abertura ao outro, ao diferente.”<sup>169</sup> Com a sua forma exemplar “ensina-nos que não temos que renunciar à nossa identidade, ou convicções para podermos dialogar”,<sup>170</sup> mostra-nos que independentemente da forma como somos ou das ideias que temos, conseguimos ter um diálogo aberto.

Seguindo este exemplo, as pessoas deveriam abrir-se mais ao outro, ao diferente, promovendo a paz. Pessoas com várias convicções e identidades podem sempre dialogar sem se sentirem obrigadas a mudar e a renunciar às suas origens e ideias.<sup>171</sup> João Paulo II, com esta Jornada Mundial de Oração Pela Paz, quis mostrar que é possível conversar abertamente, respeitando o diferente, respeitando as origens, ideias e convicções diferentes. Caminhando e dialogando em conjunto torna-se possível: a paz é um dom gratuito de Deus para todos. Neste encontro de oração todos viram um sinal de esperança e de Paz.<sup>172</sup>

Em Assis, “os representantes das diversas confissões rezaram num mesmo lugar segundo a modalidade própria de cada um”.<sup>173</sup> Ainda que juntos no mesmo local, cada um pronunciou, por sua conta, o pedido a Deus pelo dom da paz, afastando-se fisicamente dos outros, na medida em que aqueles que rezam diferem nas crenças religiosas. Contudo, podem reunir-se para rezar cada um ao seu modo, ao mesmo e único Deus, e por uma mesma causa,

---

<sup>168</sup> Cf. FR. I. LAMELAS OFM, “Espírito de Assis”, p. 9.

<sup>169</sup> *Ibidem*.

<sup>170</sup> *Ibidem*.

<sup>171</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>172</sup> Cf. *Ibidem*, p. 11.

<sup>173</sup> *Ibidem*, p. 12.

respeitando-se uns aos outros, nas suas diferenças doutrinárias. João Paulo II afirma que “o que aconteceu em Assis foi uma atitude sincera de oração a Deus no respeito recíproco”.<sup>174</sup>

À semelhança do primeiro encontro, o Papa João Paulo II convocou para Assis mais duas grandes Jornadas Mundiais de Oração pela Paz, uma para o ano de 1993 e outra para o ano de 2002,<sup>175</sup> com o desejo de manter vivo o sonho da paz e de rezar com todas as religiões em Assis.

Nos dias de hoje, os encontros de Assis são muito referenciados e muito recordados, pois representam um símbolo muito importante para o diálogo inter-religioso. Neste ano de 2016, completam-se 30 anos desse grande evento, dessa grande Jornada de Oração pela Paz convocada pelo Papa João Paulo II, marco importante, na longa caminhada do diálogo inter-religioso e na construção de um mundo melhor, mais justo e mais pacífico.

A reflexão sobre estes encontros realizados pelo Papa João Paulo II continua a ser vital para o futuro da humanidade e das religiões. Ao pensarmos na realização destes encontros, acreditamos que é possível dialogar com as outras religiões e construir um caminho que nos leve à tão desejada paz entre as nações, paz essa tão difícil de alcançar.

Neste âmbito do diálogo inter-religioso, o Papa João Paulo II realizou outro gesto, visitou a Terra Santa, em março de 2000. Na sua peregrinação teve um encontro inter-religioso com os representantes Judeus, Muçulmanos e Cristãos, no Pontifício Instituto Notre-Dame, em Jerusalém. Neste encontro o Papa João Paulo II, no seu discurso, referiu que “é necessário e urgente estabelecer vínculos mais estreitos entre todos os crentes, para garantir um mundo mais justo e pacífico”,<sup>176</sup> apelando a que todos os crentes se juntem na construção de um mundo melhor, mais justo e pacífico. Afirmou ainda que “todas as nossas religiões conhecem, duma

---

<sup>174</sup> FR. I. LAMELAS OFM, “Espírito de Assis”, p. 12.

<sup>175</sup> Cf. *Ibidem*, p. 6.

<sup>176</sup> PAPA JOÃO PAULO II, “Discurso no Encontro Inter-Religioso no Pontifício Instituto Notre-Dame”, nº 1, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jpii\\_spe\\_20000323\\_jerusalem-notre-dame.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jpii_spe_20000323_jerusalem-notre-dame.html), acedido em 20-01-16, às 17:20.

ou doutra forma, a Regra de Ouro: «Faz aos outros o que desejas que seja feito a ti»<sup>177</sup>, pois esta regra é comum a todas as religiões.

No decorrer do seu discurso, o Papa João Paulo II declarou que “a religião é inimiga da exclusão e da discriminação, do ódio e da rivalidade, da violência e do conflito,”<sup>178</sup> tudo isto é o oposto da religião. Afirmou ainda que “a religião não é nem deve tornar-se um pretexto para a violência, em particular quando a identidade religiosa coincide com a identidade étnica e cultural.”<sup>179</sup> Para o Papa João Paulo II “Religião e Paz caminham juntas!”<sup>180</sup> Ainda no discurso que fez no Encontro Inter-Religioso em Jerusalém, manifestou o desejo da Igreja Católica em fazer prosseguir “um diálogo inter-religioso sincero e fecundo com as pessoas de fé judaica e os seguidores do Islão”.<sup>181</sup>

Para a Igreja Católica, na pessoa do Papa João Paulo II e de todos os seus crentes, o diálogo que deseja estabelecer com as outras religiões não é uma tentativa de impor aos outros a sua visão, visto que é exigido a todos os fiéis que escutem o outro com respeito, procurando discernir o que há de bom e de santo em cada uma das outras religiões.<sup>182</sup>

## 2.2 Papa Bento XVI

O Cardeal Ratzinger, antes de ser eleito para a cátedra de Pedro referiu que o Encontro de Assis promovido pelo Papa João Paulo II “ (...) foi sobretudo a expressão de um caminho, de uma busca, da peregrinação pela paz que só acontece se unida à justiça”.<sup>183</sup> Estes encontros de oração pela Paz marcaram a história e iniciaram um caminho de promoção e construção da Paz, mostrando que é possível a convivência entre todos, respeitando as diferenças.

---

<sup>177</sup> PAPA JOÃO PAULO II, “Discurso no Encontro Inter-Religioso no Pontifício Instituto Notre-Dame”, n° 4, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jpii\\_spe\\_20000323\\_jerusalem-notre-dame.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jpii_spe_20000323_jerusalem-notre-dame.html), acedido em 20-01-16, às 17:20.

<sup>178</sup> *Ibidem*.

<sup>179</sup> *Ibidem*.

<sup>180</sup> *Ibidem*.

<sup>181</sup> *Ibidem*.

<sup>182</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>183</sup> FR. I. LAMELAS OFM, “Espírito de Assis”, p. 7.

À semelhança dos seus antecessores, o Papa Bento XVI também realizou alguns gestos no âmbito do diálogo inter-religioso, sendo de salientar a viagem que realizou à Terra Santa, em maio de 2009. No seu discurso, à chegada ao aeroporto internacional de Amã, o Papa, depois de saudar os presentes, afirmou que “a liberdade religiosa é um direito humano fundamental”<sup>184</sup>, referiu ainda que formulava votos e rezava “a fim de que o respeito por todos os direitos inalienáveis e pela dignidade de cada homem e de cada mulher chegue a ser cada vez mais consolidado e defendido, (...) em todas as regiões do mundo”.<sup>185</sup>

Durante a visita, o Papa Bento XVI encontrou-se com os chefes religiosos muçulmanos, com o corpo diplomático e com os Reitores das Universidades jordanas, na Mesquita Al-Hussein Bin-Talal, em Amã. Neste encontro, o Papa felicitou os presentes por algumas iniciativas no âmbito do diálogo inter-religioso e referiu que as mesmas “levam a um maior conhecimento recíproco e promovem um respeito crescente tanto por aquilo que já temos em comum, como pelo que compreendemos de maneira diferente.”<sup>186</sup>

### **2.3 Papa Francisco**

Do mesmo modo, o Papa Francisco realizou e continua a realizar alguns gestos neste contexto do diálogo inter-religioso. Destacam-se algumas viagens, apelando ao diálogo, ao amor, à paz, à justiça, à igualdade de direitos e deveres. Uma viagem muito importante realizada por este Papa foi a peregrinação à Terra Santa, que ocorreu em maio de 2014.

Na sua chegada a Amã, na homilia da primeira Eucaristia que celebrou, o Papa Francisco começou por dizer que “consolida-se o caminho da Paz, se reconhecermos que todos temos o

---

<sup>184</sup> PAPA BENTO XVI, “Discurso na Cerimónia de Boas Vindas no Aeroporto Internacional de Amã”, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_ben-vi\\_spe\\_20090508\\_welcome-amman.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-vi_spe_20090508_welcome-amman.html), acedido em 20-01-16, às 18:05.

<sup>185</sup> *Ibidem*.

<sup>186</sup> PAPA BENTO XVI, “Discurso no Encontro com os Chefes Religiosos Muçulmanos, com o Corpo Diplomático e com os Reitores Das Universidades Jordanas”, [http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf\\_benxvi\\_spe\\_20090509\\_capi-musulmani.html](http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_benxvi_spe_20090509_capi-musulmani.html), acedido em 07-04-16, às 12:30.

mesmo sangue e fazemos parte do género humano”,<sup>187</sup> pois, do mesmo modo que somos pessoas, embora com identidades diferentes, todos temos o mesmo sangue e devíamos relacionar-nos bem uns com os outros. Da mesma forma que temos o mesmo sangue, também “temos um único Pai no céu e que todos nós somos seus filhos, feitos à sua imagem e semelhança”<sup>188</sup>. Se não esquecermos isto, o caminho da Paz será mais fácil e possível.

Posteriormente, o Papa Francisco, ainda na homilia, disse aos presentes que “é necessário fazer gestos de humildade, fraternidade, de perdão, de reconciliação”<sup>189</sup>, sendo estes gestos princípio e fundamento para uma paz verdadeira, sólida e duradoura. A paz não se pode comprar, não se vende. A paz é um dom que devemos procurar com paciência e construir mediante pequenos e grandes gestos que envolvem a nossa vida quotidiana.<sup>190</sup> Pensamos muitas vezes que construir a paz é algo impensável, porque só pensamos em acontecimentos grandes e distantes, mas o Papa Francisco mostra-nos que é partir de acontecimentos pequenos no nosso quotidiano, no trabalho, na escola, na família que podemos ajudar a construir a paz e a tornar o mundo melhor.

Durante a visita à Terra Santa, o Papa Francisco encontrou-se com o Patriarca Ecuménico de Constantinopla, Bartolomeu. Após este encontro, realizaram uma declaração conjunta na qual convidaram “todos os cristãos a promover um diálogo autêntico com o Judaísmo, Islamismo, e outras Tradições religiosas”,<sup>191</sup> em mais um gesto de apelo à Paz e ao diálogo inter-religioso. Afirmaram ainda em conjunto que “o diálogo, o perdão e a reconciliação são os únicos meios possíveis para alcançar a Paz”.<sup>192</sup>

---

<sup>187</sup> PAPA FRANCISCO “Homília da Santa Missa no Estádio Internacional de Amã”, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco\\_20140524\\_terra-santa-omelia-amman.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140524_terra-santa-omelia-amman.html), acedido em 07-04-16 às 14:05.

<sup>188</sup> *Ibidem*.

<sup>189</sup> *Ibidem*.

<sup>190</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>191</sup> H. CYMERMAN, J. REIS-SÁ, *Francisco, De Roma a Jerusalém*, Guerra e Paz, Lisboa, 2014, 1ª Edição, p. 104.

<sup>192</sup> *Ibidem*.

No caminho do diálogo inter-religioso e na promoção e construção da paz, o Papa Francisco mostra que é possível caminhar e dialogar como amigos, com dois novos gestos simples, carregados de simbolismo. Falamos de dois abraços, que se tornaram ícones de amizade: um abraço foi em maio de 2014, em Jerusalém, ao Rabino Abraham Skorka e ao muçulmano Omar Abboud, aquando da visita do Papa Francisco à Terra Santa; o outro abraço foi realizado, em junho de 2014, nos Jardins do Vaticano, em Roma, a Shimon Peres, Presidente do Estado de Israel e a Mahmud Abbas, Presidente do Estado da Palestina, quando o Papa Francisco convidou os dirigentes dos dois países para rezarem juntos pela Paz no mundo.

Neste encontro expressaram, cantando e recitando em três línguas diferentes, a mesma vontade.<sup>193</sup> Esta oração pela Paz juntou num só espaço, a *Torá*, a *Bíblia Cristã* e o *Alcorão* “num hino de amizade e correspondência”,<sup>194</sup> sendo considerado um gesto muito importante para a construção da paz.

No seu discurso aos presentes, o Papa Francisco voltou a apelar ao “Dom da Paz”<sup>195</sup>, reiterando que para fazer a Paz é preciso coragem e sublinhando que “é necessário ter coragem para dizer sim ao encontro (...), dizer sim ao diálogo, sim às negociações (...), sim ao respeito (...) e sim à sinceridade”.<sup>196</sup> Após estes gestos simbólicos, podemos pensar se não terão sido gestos sem utilidade, só para mostrar a força dos encontros nesses dias. No entanto, verificamos que essa força continua e esses gestos mostraram como é possível que as várias tradições religiosas se encontrem, se respeitem, rezem juntas e dialoguem entre elas, a partir da coragem e da esperança num mundo autenticamente humano e melhor

A disciplina de EMRC é basilar neste seguimento pois trabalha e reflete com os alunos sobre como o diálogo inter-religioso pode ajudar a construir a paz, transmitindo aos alunos chaves de leitura para poderem viver em conjunto na sociedade.

---

<sup>193</sup> Cf. H. CYMERMAN, J. REIS-SÁ, *Francisco, De Roma a Jerusalém*, p. 15.

<sup>194</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>195</sup> PAPA FRANCISCO “Invocação pela Paz nos Jardins do Vaticano”, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papafrancesco\\_20140608\\_invocazione-pace.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papafrancesco_20140608_invocazione-pace.html), acedido em 22-07-16, às 16:00.

<sup>196</sup> *Ibidem*.

### 3. Mensagens Para o Dia Mundial da Paz

Para educar para a Paz e de modo a chamar a atenção das pessoas para a necessidade de promover um mundo mais pacífico, o Papa Paulo VI teve a iniciativa de escrever uma mensagem de Ano Novo, dirigida a todos os povos, com o intuito de celebrar o primeiro dia Mundial da Paz, no dia 1 de janeiro de 1968. A partir desse ano, no 1º dia de janeiro de cada ano que se seguiu, o Papa escreveu uma mensagem para celebrar este dia. Após a iniciativa do Papa Paulo VI, todos os Papas seguintes, incluindo o atual Papa Francisco, escreveram mensagens para a comemoração desta data. No corrente ano celebrou-se o 49º Dia Mundial de Oração pela Paz.

A celebração do Dia Mundial da Paz, no primeiro dia do ano, tem como pretensão que todas as pessoas possam participar nela, pois é uma celebração que não é exclusivamente religiosa ou católica, como refere o Papa Paulo VI, é sim um desejo de que esta comemoração encontre a adesão de todos os verdadeiros amigos da paz<sup>197</sup> e que seja visível a importância da colaboração de todos na construção da mesma.

O Dia Mundial da Paz tem como ideia primeira lembrar que há uma necessidade imperiosa de defender a paz, frente aos perigos que a ameaçam<sup>198</sup>, nomeadamente o perigo da sobrevivência do egoísmo, o perigo das violências, o desrespeito pela dignidade humana, o uso de armas e o perigo de uma falsa retórica de palavras<sup>199</sup> que não conduzem às reais intenções de construir a paz. Neste sentido, este dia tem como objetivo também ser dedicado à paz verdadeira e justa, em que todos possam reconhecer os direitos da pessoa humana e a independência de cada nação.

Nas suas mensagens, os Papas refletem sobre os muitos aspetos da paz. Cada título atribuído é uma chamada de atenção, não só para o conteúdo da reflexão, mas também para as

---

<sup>197</sup> Cf. COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Mensagens para a Paz: Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, Principia, Cascais, 2002, p. 21.

<sup>198</sup> Cf. *Ibidem*, p. 22.

<sup>199</sup> Cf. *Ibidem*.

atitudes dos povos na construção da paz. Cada uma das mensagens é um apelo à coragem e à esperança, assim como é também um desafio promover e construir um mundo mais pacífico, através do caminho do respeito, da compreensão e do diálogo.

Na mensagem para o ano de 1982, com o tema “A Paz: dom de Deus confiado aos homens”, o Papa João Paulo II apela “à necessidade de apaziguar os ódios e as inimizades”<sup>200</sup> existentes entre os povos. Sendo que são estas inimizades e estes ódios que ajudam a destruir as boas relações existentes entre as nações.

O Papa pede que num ato de coragem cessem os litígios e insta a que sejam envidados esforços pela paz, num mundo cada vez mais dilacerado. Para que seja possível construir um mundo mais pacífico, em que reine a amizade, o amor e a paz, é necessário que haja uma educação para a paz e que sejam criadas mentalidades de paz, de modo a poder instaurar-se uma paz verdadeira entre os povos e nações.<sup>201</sup>

No número quatro deste texto, o Papa João Paulo II afirma que “a paz provém de Deus (...) ela é um Dom de Deus.”<sup>202</sup> Com efeito, é Deus quem nos dá e concede o dom da Paz, porque Ele é paz, é fonte de paz. É um dom confiado aos homens e embora seja dom, “o homem nunca está dispensado de a procurar e de se empenhar no sentido de a instaurar”.<sup>203</sup> Por esta razão, o ser humano deve caminhar sempre à procura da paz, esforçando-se, envolvendo-se na sua promoção e construção.

Para o ano de 1988, o Papa João Paulo II escreveu uma mensagem intitulada “Liberdade Religiosa: Condição para a Convivência Pacífica”. É uma mensagem que reflete sobre a liberdade religiosa como uma força que está ao serviço da Paz. A liberdade religiosa é “uma pedra angular do edifício dos direitos humanos; e, portanto, é um factor insubstituível do bem e das pessoas.”<sup>204</sup> Torna-se evidente que a liberdade é um direito humano inalienável e basililar.

---

<sup>200</sup> COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Mensagens para a Paz*, p. 108.

<sup>201</sup> Cf. *Ibidem*, p. 109.

<sup>202</sup> *Ibidem* p. 110.

<sup>203</sup> *Ibidem*, p. 111.

<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 174.

Por conseguinte, a liberdade religiosa é o elemento fundamental da coexistência e convivência pacífica dos seres humanos.<sup>205</sup>

Nesta mensagem, o Papa afirma que “a paz, que se constrói e se consolida em todos os níveis da convivência humana, lança as próprias raízes na liberdade e na abertura das consciências para a verdade.”<sup>206</sup> Assim sendo, para haver paz, é fundamental que haja também liberdade, uma pessoa que não é livre, não consegue ter a sua consciência aberta para a verdade, para o que realmente é preciso. No número três da mesma mensagem afirma que “a liberdade religiosa, na medida em que atinge a esfera mais íntima do espírito, sustém e é como que a razão de ser das outras Liberdades”.<sup>207</sup> Assim sendo, a liberdade religiosa contribui de forma determinante para a formação de cidadãos verdadeiramente livres, na medida em que favorece a cada pessoa uma consciência plena da própria dignidade.<sup>208</sup>

Em relação ao ano de 1991, o Papa João Paulo II escolheu como título da sua mensagem: “Se queres a Paz, respeita a consciência de cada homem”,<sup>209</sup> uma vez que a paz implica o respeito por todos. Assim sendo, se não houver respeito, a paz não pode existir. É vital que haja respeito pelas ideias e considerações de cada um, sendo que “a garantia do direito de exprimir as próprias convicções religiosas, publicamente nos diversos âmbitos da vida social, constitui um elemento indispensável para a pacífica convivência entre os homens.”<sup>210</sup> A paz é um direito de todos e também um dever de todos a sua promoção.

Naturalmente, o Papa João Paulo II refere ainda que “nenhuma autoridade humana tem o direito de intervir na consciência seja de quem for”.<sup>211</sup> Assim, cada um tem a sua identidade e tem direito a ter a sua consciência, os seus ideais; ninguém pode ser manipulado, nem a nível da consciência nem a outro nível. Com efeito, “todos devem respeitar a consciência de cada um

---

<sup>205</sup> Cf. COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Mensagens para a Paz*, p. 174.

<sup>206</sup> *Ibidem*.

<sup>207</sup> *Ibidem*, p. 178.

<sup>208</sup> Cf. *Ibidem*, p. 179.

<sup>209</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>210</sup> *Ibidem*.

<sup>211</sup> *Ibidem*, p. 201.

e não procurar impor a ninguém a própria «verdade», permanecendo íntegro o direito de aprofundar, sem que, por isso, seja desprezado quem pensa de outro modo.”<sup>212</sup>

É de salientar que o Papa nesta mensagem apela à consciência e à formação da mesma, na medida em que é fundamental que as crianças, os adolescentes e jovens sejam educados e formados para os princípios, que “irão influir depois sobre a maneira de compreender os outros e a sociedade.”<sup>213</sup>

A formação dos mais novos para os valores do respeito, da justiça, da liberdade, da igualdade, da amizade é imprescindível, urgente e necessária. Esta “formação da consciência fica comprometida, se faltar uma profunda educação religiosa”<sup>214</sup>, na medida em que a mesma é fundamental. Deste modo, é muito importante que haja a oferta de uma educação religiosa, que ajude na formação de novas consciências, preparadas para viver na base dos valores supracitados.

Note-se que a mensagem escrita pelo Papa João Paulo II, para o ano de 2004, segue esta linha e reflete sobre como educar para a Paz, de tal modo que a mensagem se intitula: “Um compromisso sempre atual: Educar para a Paz”. Efetivamente é um compromisso atual, pois devemos sempre educar para a paz e mostrar com é possível e está ao nosso alcance fazê-lo. Estou em crer que nunca podemos desistir de educar para a paz e de a promover.

Apesar de todos os atentados à paz, o Papa João Paulo II afirmou, na sua Mensagem para o ano 2004, que “a Paz ainda é possível, e se é possível, então a paz é um dever”.<sup>215</sup> A paz é um compromisso sempre atual e não deixa de ser atual, dado que vivemos dias em que há muitas notícias de graves atentados à paz. É urgente e vital assumir esse compromisso.

---

<sup>212</sup> COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Mensagens para a Paz*, p. 201.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>214</sup> *Ibidem*.

<sup>215</sup> No livro *Mensagens para a Paz* referido anteriormente apenas constam as Mensagens até 2002, por este motivo, faço a partir de agora referência à página do Vaticano.

PAPA JOÃO PAULO II, “Mensagem de Sua Santidade para a Celebração do XXXVII Dia Mundial da Paz - Um Compromisso Sempre Atual: Educar Para A Paz”, 1º de janeiro de 2004.

[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20031216\\_xxxvii-world-day-for-peace.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20031216_xxxvii-world-day-for-peace.html), acessado em 20-01-16, às 15:30.

Nesta mesma linha de reflexão sobre a promoção e construção da paz escreveu o Papa Francisco, na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano, uma mensagem que tem como título “Vence a Indiferença e Conquista a Paz”<sup>216</sup>. Neste texto, o Papa põe em relevo a indiferença como uma ameaça à paz e pede às nações para manterem a esperança. Esta mensagem é um convite à promoção de uma cultura de amizade, de cooperação e de respeito, de modo a vencer a indiferença que tanto ameaça a paz. Do mesmo modo que os seus antecessores, o Papa afirma que a Paz “é um dom de Deus, (...) confiado a todos os homens e a todas as mulheres, que são chamados a realizá-lo”.<sup>217</sup>

Por outras palavras, a paz é um dom dado por Deus, mas cabe ao ser humano envolver-se, esforçar-se e envidar esforços no sentido de a promover e de a construir. Com efeito, somos todos nós com as nossas ações e atitudes que podemos e devemos construir o caminho da paz. Para que este caminho a construir seja firme, sólido e consistente é fundamental que não haja indiferença em relação às situações alheias, aos conflitos e aos problemas da sociedade.

Em relação a este distanciamento e a este desinteresse, o Papa Francisco aborda nesta mensagem alguns tipos de indiferença. Um dos tipos a que se refere é “a indiferença para com Deus da qual deriva também a indiferença para com o próximo e a criação.”<sup>218</sup> Este tipo de indiferença mostra-nos o ser humano como um ser egoísta, pensando que pode prescindir de Deus para viver isolado a sua vida. Deste modo, pensa que é auto-suficiente,<sup>219</sup> que só tem direitos e que não tem que se preocupar com outros além de si mesmo.

Outro tipo de indiferença referida pelo Papa Francisco é o facto de haver “pessoas que conhecem vagamente os dramas que afligem a humanidade, mas não se sentem envolvidas”.<sup>220</sup> Estas pessoas, apesar de conhecerem as realidades, não se querem comprometer, pois têm a sua

---

<sup>216</sup> PAPA FRANCISCO, “Mensagem de Sua Santidade para a Celebração do XLIX Dia Mundial da Paz – Vence a Indiferença e Conquista a Paz” - 1º de janeiro de 2016.  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papafrancesco\\_20151208\\_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papafrancesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html), acedido em 08-04-16, às 11:05.

<sup>217</sup> *Ibidem*.

<sup>218</sup> *Ibidem*, nº3.

<sup>219</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>220</sup> *Ibidem*.

tranquilidade e comodidade. Uma outra forma é o facto de haver pessoas que “preferem não indagar, não se informar e vivem o seu bem-estar e o seu conforto, surdas ao grito de angústia da humanidade sofredora.”<sup>221</sup> Tanto num caso como noutro é perceptível um grau muito elevado de egocentrismo, que põe um sem número de barreiras no cuidado de uns aos outros, nesta grande casa comum em que todos habitamos. Como diz o Papa Francisco “vivendo nós numa casa comum, não podemos deixar de nos interrogar sobre o seu estado de saúde.”<sup>222</sup>

Importa salientar que todas as mensagens escritas para a comemoração do Dia Mundial da Paz, ao longo deste tempo, contém um carácter educativo e formativo, ou seja, é através delas que os Papas convidam todas as pessoas a refletir e a compreender que é basilar envidar esforços para a construção de um mundo mais pacífico e melhor. Quanto a mim, estas mensagens são uma forma muito agradável e cativante de formar e educar para a paz.

Nesta linha de educação e formação, a disciplina de EMRC oferece o seu contributo imprescindível, em que as mensagens escritas para o Dia Mundial da Paz são uma ajuda à reflexão e à consciencialização dos alunos, de que é necessário promover a paz.

Na disciplina, os vários conteúdos programáticos são refletidos e trabalhados, interligando-os entre si. No seu espaço privilegiado na escola, a EMRC proporciona aos alunos a oportunidade de se questionarem, de construírem a sua participação ativa na vida da sociedade, através de bases sólidas e de poderem colaborar na promoção e construção da paz, a partir de pequenos gestos e atitudes.

Com efeito, todos estes gestos e atitudes são muito importantes na promoção e construção da paz, contudo são uma pequena parte do que se poderá fazer. Para melhor educar para a paz, como referem os Papas nas suas mensagens, é necessário que as pessoas se deixem tocar, que deixem o seu egoísmo de lado, que tentem compreender através do diálogo quem se apresentar diferente e que tenham um bom conhecimento não só dos outros, como de si mesmas.

---

<sup>221</sup> PAPA FRANCISCO, “Mensagem de Sua Santidade para a Celebração do XLIX Dia Mundial da Paz – Vence a Indiferença e Conquista a Paz” - 1º de janeiro de 2016, nº 3.

<sup>222</sup> *Ibidem*.

Estou em crer que, há muito debate e muita discussão em volta desta temática, que juntamente com a reflexão deveriam surgir mais exemplos de gestos e atitudes de promoção e construção da paz, mostrando o quanto isso é possível.

Alguns destes gestos e atitudes são possíveis de realizar com a nossa disciplina, dado que esta permite aprender, refletir e também desenvolver atividades no âmbito das várias temáticas. Atividades essas que permitem aos alunos não só adquirir novas competências e aprendizagens, como consolidar as adquiridas e motivar para novas. Por conseguinte, estas dinâmicas mostram à comunidade escolar o quanto é importante e fundamental a disciplina de EMRC na escola.

Depois de estudar o modo como o diálogo inter-religioso é um fundamental contributo para a promoção da paz, apresento em seguida uma proposta de itinerário pedagógico que cruza as duas unidades letivas.

### 3ª Parte

#### Proposta de um Itinerário Pedagógico

A disciplina de EMRC além de ser um valioso contributo na tarefa educativa e na formação integral dos nossos alunos, permite a criação de itinerários formativos e pedagógicos que envolvem os alunos, levando-os a cruzar vários domínios de aprendizagem: saber ser, saber fazer e saber estar.

A criação de itinerários pedagógicos de acesso a um objeto patrimonial religioso quer seja material, ou imaterial, móvel ou imóvel é de extrema importância porque vem consolidar a aplicação de variados conteúdos da disciplina de EMRC. Torna-se muito importante quando se fala de património religioso, mostrá-lo aos nossos alunos, pois este é um meio de aprendizagem e um modo distinto de aplicar conhecimentos.

Aquando da Prática Pedagógica de Ensino Supervisionada pude verificar que os nossos alunos, hoje em dia, revelam alguma dificuldade em refletir a memória dos seus antepassados no que concerne ao religioso, da mesma forma como se fazia há alguns anos atrás. Assim sendo, é necessário reavivar essa memória, trazendo aos discentes através de algumas atividades a importância do religioso e do património a ele associado.

Com base nas finalidades<sup>223</sup> definidas para a disciplina, nomeadamente IV- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso, VII - Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã, nas metas curriculares<sup>224</sup>, principalmente D) Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos, K) Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso e nos objetivos propostos,<sup>225</sup> Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana e Identificar o papel das

---

<sup>223</sup> Cf. AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, p. 16.

<sup>224</sup> Cf. *Ibidem*, p. 17.

<sup>225</sup> Cf. *Ibidem*, p. 76 e 85.

religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano, proponho uma aula fora do contexto da sala de aula, organizada num quadro de visita de estudo, como forma de fazer uma interligação entre a unidade letiva 2 – “As Religiões”, mais especificamente o conteúdo do diálogo inter-religioso na construção da paz e do bem comum e a unidade letiva 4 – “A Paz Universal”.

Efetivamente, esta é uma forma de ligar os temas anteriormente refletidos, sendo também um modo diferente de os alunos realizarem aprendizagens noutra ambiente e noutra situação diferente da sala de aula, verificando algumas das matérias letivas lecionadas. É uma atividade de consolidação de conteúdos e conhecimentos que se insere na segunda unidade letiva – “As Religiões” e uma atividade de motivação para os tópicos a lecionar na quarta unidade letiva – “A Paz Universal”.

A atividade proposta é uma visita de estudo ao Museu de Mértola - Núcleo Museológico Islâmico e à Igreja Matriz, que antigamente foi uma Mesquita, sendo que aqui se propõe realizar um momento de diálogo inter-religioso a partir de uma conversa com o Pároco da Igreja e um representante da cultura islâmica de Mértola, terminando a atividade com a proposta de um pequeno gesto de oração pela paz, unindo as duas religiões.

Com o momento de diálogo inter-religioso proposto pretende-se mostrar aos alunos que este é muito importante, já que pode possibilitar o desenvolvimento de um determinado sítio. Em meu entender, o diálogo inter-religioso entre as duas tradições presentes em Mértola, ou seja, o Islão e o Cristianismo foi muito importante para o desenvolvimento da vila, dado que quando as duas religiões dialogavam e trabalhavam em conjunto havia progresso e evolução, quando entravam em conflito o crescimento estagnava ou regredia. Os momentos de paz entre as duas religiões foram fator de favorecimento do progresso de Mértola.

A vila de Mértola é um lugar muito rico em cultura, em tradições e em história. A sua densa malha urbana está resguardada, sem se esconder por um quilómetro de muralha. Foi no passado um importante porto fluvial e porta de acesso a todas as rotas do comércio

mediterrânico. Da povoação islâmica restam alguns vestígios e marcas monumentais da vida quotidiana, assim como memórias de muitos gestos e saberes.<sup>226</sup>

A visita iniciar-se-á no Núcleo Museológico Islâmico, situado nos antigos celeiros da Casa de Bragança, em que os alunos podem ver a coleção de arte islâmica do Museu de Mértola e realizar algumas dinâmicas sobre a cultura islâmica, através de uma maleta pedagógica existente no local para atividades com escolas visitantes. Neste lugar, a visita será conduzida por um guia do posto de turismo.

Este núcleo museológico está localizado na rua direita que ligava a Porta da Ribeira às Portas de Beja, no principal eixo comercial antigo e medieval, onde estavam as casas mais poderosas com interesses ligados ao tráfego portuário, sendo que neste local podemos encontrar a mais importante coleção de arte islâmica de Portugal.<sup>227</sup> Neste museu estão expostos vários aspetos do quotidiano de Mértola Islâmica, nomeadamente duas maquetas que fazem a reprodução de uma antiga mesquita e de uma casa popular do séc. XIII, também estão expostos alguns artefactos que evidenciam as ligações de Mértola com o Mediterrâneo.<sup>228</sup>

Terminada a visita de estudo ao Núcleo Islâmico do Museu de Mértola, segue-se a visita à Igreja Matriz, conduzida igualmente pelo guia do posto de turismo. A Igreja encontra-se hoje no local onde teria existido um templo romano, que depois foi paleocristão, em que nos finais do séc. XII foi construída de raiz uma Mesquita sendo posteriormente cristianizada após a Reconquista.<sup>229</sup> É de salientar que da antiga mesquita restam ainda os muros exteriores, quatro pequenas portas de arco ultrapassado<sup>230</sup> e o nicho da oração muçulmano, o *mihrab*, sinais visíveis hoje na Igreja. A atual Igreja Matriz, que foi sobreposta à Mesquita, conserva elementos em número necessário para permitir uma reconstituição fiável do templo islâmico de Mértola.<sup>231</sup>

---

<sup>226</sup> Cf. AAVV, *Itinerário Cultural - Mértola nas rotas comerciais do Mediterrâneo: de cidade portuária, a Vila Museu*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola, 2014.

<sup>227</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>228</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>229</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>230</sup> Cf. S. MACIAS, C. TORRES, “A Mesquita de Mértola”, *Mesquita Igreja de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 2011, p. 15.

<sup>231</sup> Cf. *Ibidem*.

Aqui os alunos podem observar o que foi antigamente uma Mesquita e como se transformou posteriormente em Igreja Matriz. Apesar do acrescento da sacristia e de todas as modificações feitas, estas não apagaram os registos materiais, nem apagaram a memória da evidência de que o edifício cristão foi basicamente o da antiga mesquita<sup>232</sup>, sendo que se conservaram ainda alguns traços do templo islâmico. Neste espaço, podem verificar algumas semelhanças, nomeadamente o facto de o “antigo local de culto muçulmano, e de acordo com uma tradição muito comum no Ândalus,”<sup>233</sup> ser consagrado a Santa Maria. Hoje a Igreja Matriz é consagrada a Nossa Senhora da Assunção ou Nossa Senhora de Entre as Vinhas.

No meu entender, este local sagrado faz a ponte entre o culto islâmico antigo e o culto cristão hodierno, visto que encontramos marcas visíveis das duas tradições religiosas em que se pode observar a passagem de uma cultura para outra.

A Igreja Matriz de Mértola identifica uma comunidade crente que se reúne, uma comunidade que criou uma identidade e que pertence a um grupo com o qual se identifica. Tal como esta comunidade que se reúne procura consolidar a sua fé, outrora também outra comunidade o fez, também procurou manifestar a sua fé. Esta igreja apresenta marcas da identidade cristã e pretende simbolizar o encontro com Deus. A comunidade de crentes pretende fazer memória do passado identitário desta Igreja perpetuando assim a sua identidade.

Naturalmente, os valores religiosos que existem na comunidade crente levam esta mesma comunidade a vivenciar a sua fé e a transmiti-la. Toda a comunidade crente e não crente é portadora de valores identificativos, valores que identificam ou são constituintes de uma comunidade.

A Igreja Matriz de Mértola, que os alunos visitam, tem uma identidade própria e é um veículo de transmissão religioso. Esta Igreja que foi anteriormente uma Mesquita guarda em si uma memória que não deve ser esquecida, sendo que essa memória é um meio de transmitir

---

<sup>232</sup> Cf. J. M. BOIÇA, M<sup>a</sup>. F. BARROS, “A Igreja Matriz de Mértola”, *Mesquita Igreja de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 2011, p. 36.

<sup>233</sup> S. MACIAS, C. TORRES, “A Mesquita de Mértola”, p. 30.

elementos culturais e religiosos de um passado crente. São estes elementos culturais e religiosos que se pretende transmitir aos alunos, através desta visita de estudo, sendo que também é um bom momento para juntar neste local as duas tradições religiosas.

Para esta visita de estudo à Igreja Matriz pretende-se convidar o pároco da Igreja e também uma pessoa que possa representar a cultura islâmica, de modo que se possa realizar o momento de diálogo inter-religioso. Estas pessoas convidadas, se possível, estão também durante a visita à Igreja.

Após o momento de diálogo inter-religioso, todos os presentes na Igreja Matriz e Antiga Mesquita são convidados a rezar em conjunto pela paz no mundo. Este gesto pretende mostrar aos alunos que ambas as tradições religiosas desejam a paz e que com estas atitudes simples podemos promover um mundo melhor e mais pacífico.

Esta visita de estudo ao património religioso é um itinerário pedagógico de acesso a um objeto patrimonial religioso da diocese de Beja e é uma mediação no contexto da EMRC. É uma estratégia muito estimulante e motivadora para os alunos, dado o seu carácter enriquecedor de conhecimentos. Constitui uma situação de aprendizagem, favorece a aquisição de conhecimentos e facilita a sociabilidade. Foi pensada para proporcionar aos discentes novas vivências, novos conhecimentos e para mostrar a importância do património religioso, desconhecido de muitos estudantes.

A meu ver o património religioso é um veículo de transmissão de valores e conhecimentos, em que os alunos podem adquirir novas aprendizagens não só históricas como também culturais e religiosas de acordo com os conteúdos a estudar. Espero com esta situação de aprendizagem, incrementar nos alunos o interesse por estas temáticas e o interiorizar de regras de convivência em grupo e em sociedade.

Note-se que esta atividade é uma dinâmica de aprendizagem para realizar fora do contexto da sala de aula que envolve os alunos de EMRC de 7º Ano, a professora da disciplina e se possível o professor de História, de modo a que seja uma atividade interdisciplinar.

Para a atividade os alunos levam um bloco de notas para escreverem algumas observações feitas durante a visita, sendo que a aula exterior / visita de estudo será avaliada através de um relatório elaborado com referência aos locais que visitaram, aplicando alguns dos conhecimentos e referindo os aspetos positivos e negativos.

No fim da visita de estudo é esperado que os alunos tenham atingido os objetivos propostos, nomeadamente: valorizar o património arquitetónico e a sua identidade; adquirir conhecimentos culturais e religiosos; conhecer as tradições religiosas, de modo a criar condições para o diálogo; identificar as atitudes presentes no diálogo inter-religioso; perceber a importância do diálogo inter-religioso na construção da paz, compreender que as máximas elementares da humanidade são comuns às tradições religiosas; entender que todas as pessoas podem contribuir para a promoção e construção da paz.

Esta situação de aprendizagem em contexto exterior à sala de aula, está programada para a última aula da unidade letiva 2 – “As Religiões”, como já foi referido, para consolidação de conhecimentos e motivação para a unidade letiva 4 – “A Paz Universal”. Esta proposta de aula em contexto exterior fica assim calendarizada para o 2º Período.

### Planificação de Visita de Estudo

<b>7º Ano - Unidade Letiva 2: “As Religiões” e Unidade Letiva 4: “A Paz Universal”</b>	<b>2016/2017</b>
<b>Sumário:</b> Visita de Estudo ao Museu de Mértola – Núcleo Museológico e Igreja Matriz (Antiga Mesquita). Momento de Diálogo Inter-Religioso e Oração pela Paz no Mundo.	

Meta	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Avaliação
<b>K.</b> Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	4. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas.	As Religiões Abraâmicas:  O Islão.	Visita ao Museu de Mértola – Núcleo Islâmico.  Atividades com base na maleta pedagógica existente no Museu.	Bloco de Notas  Maleta Pedagógica	A professora observa a atenção dos alunos na Visita ao Museu.  A professora observa a participação dos alunos nas atividades propostas.
		O Cristianismo.	Visita à Igreja Matriz de Mértola (Antiga Mesquita).	Bloco de Notas	A professora observa a atenção dos alunos na visita à igreja.
<b>D.</b> Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	6. Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	O diálogo inter-religioso na construção da paz e do bem comum.  Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da Paz.	Momento de Diálogo Inter-Religioso com o Pároco da Igreja e um representante da cultura Islâmica  Momento de Oração pela Paz no Mundo.	Pagela com Oração pela Paz	A professora observa a atenção dos alunos no momento de Diálogo Inter-Religioso  A professora observa a participação dos alunos no momento de Oração pela Paz.

## Conclusão

Após analisar e refletir sobre a importância do contributo da disciplina de EMRC na tarefa educativa, sobre o modo como pode o diálogo inter-religioso ser promotor da construção da paz no mundo e sobre a sua importância existem alguns apontamentos que gostaria de destacar.

A disciplina de EMRC é cada vez mais importante e fundamental na escola, a sua presença ativa é crescentemente imprescindível, visto que é uma disciplina que contribui para a formação integral dos jovens, que transmite aos alunos os meios para poderem agir na sociedade onde estão inseridos, é uma disciplina que transmite também formas de ajudar a respeitar, entender e cooperar com aqueles que os rodeiam.

Para a tarefa educativa ser um sucesso, para se ensinar bem e com qualidade, para poder dar aos alunos as chaves de leitura que necessitam, que os ajudam a tornar-se jovens instruídos e com visão de futuro, é preciso estudar e saber o que se vai transmitir. Assim sendo é crucial que haja uma permanente formação por parte do professor, promotor das aprendizagens.

Ser professor não é uma missão fácil, é uma missão que está sempre em construção e em atualização constante, dado que é necessário adequar as situações às realidades. Sendo esta uma missão desafiante e complexa é essencial refletir sobre os aspetos positivos e negativos, as facilidades e as dificuldades, os êxitos e os fracassos, pois um professor competente é aquele que avalia e reflete.

É fundamental que os alunos tenham acesso a várias temáticas e aprendizagens. A meu ver, estas temáticas que foram objeto de reflexão neste meu trabalho, nomeadamente o diálogo inter-religioso e a construção da paz são de extrema importância, dado que ajudam os alunos a compreender e a refletir, já que é vital que haja um conhecimento das diversas manifestações religiosas, para poder haver um maior respeito, que todos podemos dialogar e ser promotores da paz.

Refletir sobre o diálogo inter-religioso também é refletir sobre a promoção e construção da paz, pois são dois temas que se entrecruzam e se complementam. Estes são o grande desafio civilizacional do nosso tempo. O diálogo inter-religioso promove o respeito pela diversidade de ideias, reconhece a diferença, permitindo criar laços de amizade e de fraternidade. Da mesma forma que a comunicação é intrínseca e natural, também o diálogo inter-religioso deve ser natural e espontâneo.

É fundamental que as diferentes tradições religiosas possam dar-se a conhecer umas às outras, já que é a partir do conhecimento que se podem respeitar e entender, de modo a construir uma oportunidade para promover a paz no mundo. Nas aulas de EMRC é indispensável a reflexão e promoção de debates sobre estes assuntos, capacitando os alunos para poderem tomar decisões fundamentadas.

Após esta minha reflexão, posso concluir que estas temáticas não podem ficar só pela reflexão, é necessário que surjam gestos e atitudes que possam mostrar, o quanto é possível promover e construir a paz no mundo, seguindo o exemplo que os diferentes Papas ao longo do tempo nos têm mostrado.

É muito importante educar para a paz e seguindo esta linha, a disciplina de EMRC é um contributo imprescindível, já que pode criar oportunidades que envolvam os alunos e realizar alguns gestos, de forma a mobilizar esforços para tornar os valores da paz, da tolerância, do respeito mútuo, do diálogo, da colaboração, da liberdade, da dignidade humana, os princípios orientadores da sociedade.

## Bibliografia

AAVV, *Itinerário Cultural - Mértola nas rotas comerciais do Mediterrâneo: de cidade portuária, a Vila Museu*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola, 2014.

AAVV, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - 2014*, SNEC, Moscavide, 2014.

AAVV, *Manual do Aluno: EMRC - 7º Ano do Ensino Básico, Quero Saber*, SNEC, Moscavide, 2015.

ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 7ª Edição, 2008.

BASSET, J. C., *El Diálogo Interreligioso*, Desclée, Bilbao, 1999.

BERGOGLIO, J. M., *Formar: Exigência e Paixão – Desafio aos Educadores*, Paulinas, Prior Velho, 2015.

BOIÇA, J. M., BARROS, M<sup>a</sup>. F., “A Igreja Matriz de Mértola”, *Mesquita Igreja de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 2011, p. 33-88.

BORGES, A., “Pilares do diálogo inter-religioso”, in A. BORGES, J. G. MONTEIRO (coordenação) – *As Três Religiões do Livro*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, p. 7-16.

BORGES, A., *Religião e Diálogo Inter-Religioso*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Mensagens para a Paz: Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, 1ª Edição, Principia, Cascais, 2002.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética*, nº 5, 2006, p. 7-16.

- CYMERMAN, H., REIS-SÁ, J., *Francisco, De Roma a Jerusalém*, Guerra e Paz, 1ª Edição, Lisboa, 2014.
- DUPUIS, J., “O diálogo inter-religioso numa sociedade pluralista”, *Didaskalia*, Vol. XXXII, Fasc.1, 2002, p. 69-81.
- DUQUE, J., “Diálogo inter-religioso e encontro de culturas: A propósito de um livro recente”, *Theologica*, 2ª Série, nº 41, fascículo 2, 2006, p. 233-245.
- DUQUE, J., “Sobre a educação integral do ser humano”, *Pastoral Catequética*, nº26, 2013, p. 11-21.
- ESTEVES, A. L., “O Diálogo Inter-Religioso”, *Memoria*, Vol. 7, 2000, p. 127-148.
- KÜNG, H., *El Cristianismo y las grandes religiones*, Libros Europa, Madrid, 1987.
- LAMELAS OFM, FR. I., “Espírito de Assis”- 20 Anos de um Caminho a Percorrer”, *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº29, Editorial Franciscana, Braga, 2006, p. 6-16.
- MACIAS, S., TORRES, C., “A Mesquita de Mértola”, *Mesquita Igreja de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 2011, p. 9-32.
- MOITA, F., “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, *Pastoral Catequética*, nº26, 2013, p. 53-74.
- MOURA e SILVA, A., “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual – Testemunho pessoal, enquanto professor de EMRC”, *Pastoral Catequética*, nº26, 2013.
- MUNIR, SHEIK D., “Diálogo Inter-Religioso”, *Europa: Novas Fronteiras*, Nº23, Jul/Dez, 2008, p. 95-98.
- NUNES, D. Tomaz, “A Educação, responsabilidade primeira da Família”, *Pastoral Catequética*, nº19, 2011, p. 127-137.

- NUNES, D. Tomaz, “Missão e Singularidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, *Pastoral Catequética*, nº19, 2011, p. 117-126.
- NUNES, D. Tomaz, “O lugar do Ensino Religioso Escolar no Sistema Educativo”, *Pastoral Catequética*, nº19, 2011, p. 99-115.
- OLIVEIRA, A. C. G. DE, “Orientações bíblicas para um diálogo inter-religioso eficaz”, *Estudos Teológicos*, Ano 4, Julho/Dezembro, 2000, p. 163-188.
- PEREIRA, J. L., “A Unidade da Igreja, o Ecumenismo e o Diálogo Inter-Religioso à Luz do Concílio Vaticano II”, *Estudos*, Nova Série nº5, Dezembro, 2005, p. 93-120.
- PINHO, J. E. DE BORGES DE, *Ecumenismo: Situação e Perspetivas*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011.
- POLICARPO, D. José Da Cruz, “Cultura, Escola e Religião”, *Pastoral Catequética*, nº31-32, 2015, p. 17-27.
- POLICARPO, D. José Da Cruz, “O contributo, do diálogo intercultural e inter-religioso para o desenvolvimento harmonioso da sociedade”, *Europa: Novas Fronteiras*, Nº23, Jul/Dez, 2008, p. 89-93.
- ROCHA, M. F. B., “Educação Moral e Religiosa Católica e Ensino Básico”, *Fórum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005, p. 141-146.
- SILVA, J. A., “O Encontro de Assis: marco simbólico do diálogo inter-religioso”, *Theologica*, 41, 2, 2006, p. 273-297.
- SPADARO, A., ABOUD, O., SKORKA, A., *Superar o Muro: Diálogo entre um muçulmano, um rabino e um cristão*, Paulinas, Prior Velho, 2014.